



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO (FAC) COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

PROJETO FINAL EM COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

ENIO LÚCIO SOUZA DE ANDRADE

ORIENTADORA: RAFIZA LUZIANI VARÃO RIBEIRO CARVALHO

Uma análise de representatividade em *RuPaul's Drag Race*

BRASÍLIA - DF

2019

ENIO LUCIO SOUZA DE ANDRADE

UMA ANÁLISE DE REPRESENTATIVIDADE EM RUPAL'S DRAG RACE

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como resquício parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Prof. Dra Rafiza Luziani
Varão Ribeiro Carvalho.

BRASÍLIA, DF

2019

UMA ANÁLISE DE REPRESENTATIVIDADE EM RUPAUL'S DRAG RACE

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

BANCA EXAMINADORA

Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho - Orientadora
Professora da Universidade de Brasília

Elton Bruno Pinheiro
Professora na Universidade de Brasília

Mariana Ferreira Lopes
Professora na Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, antes de tudo, à minha orientadora, Rafiza Varão. Obrigado por ter comprado a ideia do trabalho, por todo o apoio durante seu desenvolvimento e, também, sua paciência comigo durante nosso trabalho juntos. Sem seu auxílio essa monografia não teria acontecido.

À UnB por ter me proporcionado um dos melhores períodos da minha vida, por ter me apresentado a professores maravilhosos que só enriqueceram minha experiência universitária e contribuíram para um melhor aprendizado.

Por último, e não menos importante, gostaria de agradecer a todos aqueles que fizeram parte dessa jornada. Minha família que proporcionou a chance de estar em uma das melhores faculdades do país, aos meus amigos que sempre estão comigo, nos melhores momentos e também nos mais difíceis. A todos os que fazem parte da minha vida, obrigado.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo trazer reflexões sobre como o programa televisivo *RuPaul's Drag Race* se apropria de pautas políticas e identitárias da população LGBTQ e veicula dentro de um produto midiático em um contexto mercadológico. Tendo como base estudos de gênero, mídia e movimentos políticos foi realizada uma análise de conteúdo da 9ª temporada do *reality show* a fim de identificar pontos cruciais da construção narrativa da vivência LGBTQ e entender um imaginário social do conceito da arte *drag* feito pelo programa.

Palavras chave: Representatividade LGBTQ; *drag queens*; mídia; *RuPaul's Drag Race*

ABSTRACT

The present work aims to bring reflections of how the television program *RuPaul's Drag Race* appropriates political and identity agendas of the LGBTQ population and conveys within a media product. Based on gender studies, media and political movements, a content analysis of the 9th season of the reality show was conducted to identify crucial points in the narrative construction of LGBTQ experience and to understand a social imaginary of the concept of drag art made by the program.

Keywords: LGBTQ visibility; *drag queens*; media; *RuPaul's Drag Race*

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2	HISTÓRIA, HOMOSSEXUALIDADE E MOVIMENTO POLÍTICO	16
3	GÊNERO, SEXUALIDADE E ARTE <i>DRAG</i>	21
4	MÍDIA E REPRESENTATIVIDADE LGBTQ.....	25
5	O PROGRAMA.....	31
6	ANÁLISE DOS EPISÓDIOS	35
6.1	Episódio 1 - Oh Minha Santa Gaga!.....	36
6.2	Episódio 2 - Catou o que era dela e lacrou	39
6.3	Episódio 3 - Drags para Sempre	42
6.4.	Episódio 4 - Bom dia, Bichas.....	44
6.5	Episódio 5 - Kardashian: O musical.....	45
6.6.	Episódio 6 - Racha ou Repassa	47
6.7.	Episódio 7 - Barrados no Baile das Vadias	49
6.8.	Episódio 8 - Queimando o Filme	52
6.9.	Episódio 9 - Piloto em Chamas	54
6.10.	Episódio 10 - Montando a Produção.....	57
6.11.	Episódio 11 - O baile mais gay do mundo.....	60
6.12	Episódio 12 - Category Is	62
6.13	Episódio 13 e 14 - O reencontro / Grande Final	63
7.	CONCLUSÃO.....	65
8	REFERÊNCIAS	68

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evolução da presença de personagens LGBTQ na teledramaturgia brasileira	11
Figura 2 - Capa da edição de março de 1990	26
Figura 3 - Gráfico de presença LGBT em emissoras abertas.....	27
Figura 4 - Gráfico de presença de personagens trans na programação americana	29
Figura 5 - RuPaul segurando a estatueta do Emmy 2019 após ganhar o prêmio de melhor apresentador	32
Figura 6 - Estátua da RuPaul nas estações de trabalho (“werkroom”)	36
Figura 7 - Eureka dizendo à Lady Gaga como seu discurso a ajudou.....	38
Figura 8 - Eureka montada de mulher interiorana do Estado de Tennessee, EUA.....	39
Figura 9 - Revelação de Cynthia Lee Fontaine como última competidora.....	39
Figura 10 - Apresentação da dança de cheerleaders.....	41
Figura 11 - Valentina montada de princesa.....	42
Figura 12 - Barra de chocolate da marca de RuPaul sendo apresentada durante um desafio	44
Figura 13 - Charlie Hides contando sobre suas vivências da época da crise do vírus da AIDS	45
Figura 14 - Alexis Michelle interpretando Kris Jenner	45
Figura 15 - Valentina falando sobre seus distúrbios alimentares	46
Figura 16 - Alexis Michelle Interpretando Liza Menelli no Snatch Game	47
Figura 17 - O sorriso de Peppermint ao se sentir aceita por suas colegas após ter se assumido como uma mulher trans em rede nacional	48
Figura 18 - Atrizes Tori Spelling e Jennie Garth dirigindo a produção do desafio.....	49
Figura 19 - Foto de Trinity Taylor jovem com sua avó.....	50
Figura 20 - Sasha Velour desmontada com sua mãe durante o período de tratamento da quimioterapia	51
Figura 21 - Competidoras durante o <i>reading challenge</i>	52
Figura 22 - Sasha Velour durante o desafio principal.....	53
Figura 23 - Peppermint, Trinity Taylor e Alexis Michelle durante a gravação do piloto.	55
Figura 24 - Imagens da estética drag das club kids exibidos pelo programa.....	56
Figura 25 - Valentina dublando com uma máscara.	56
Figura 26 - Competidoras acordando em não trazer mais a tona o problema de Nina.	57
Figura 27 - Sasha e Shea escolhendo os pares para o desafio.	59
Figura 28 - RuPaul, Brady e ALexis conversando sobre os vários aspectos da arte drag....	60
Figura 29 - Foto dos grupo Village People mostrada pelo programa.....	61
Figura 30 - Mensagem que aparecia na chamada para as participantes até a 6 temporada.	62

Figura 31 - Momento do sorteio dos lip syncs 64

1. INTRODUÇÃO

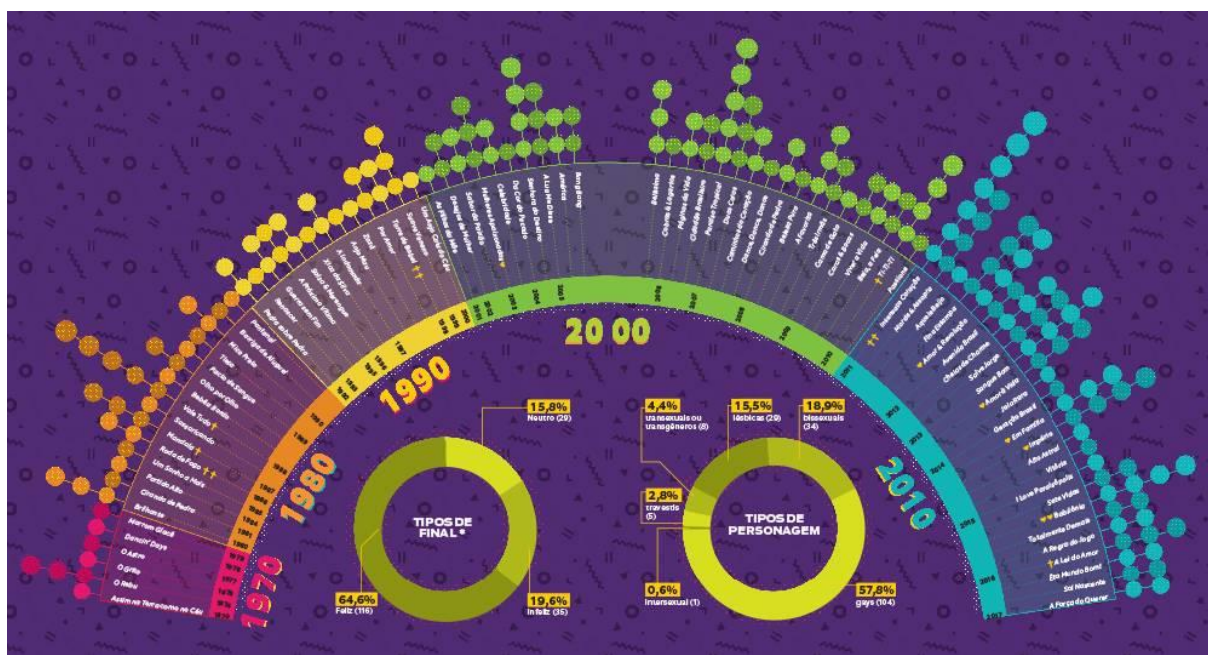
Visibilidade, representatividade e comunicação são questões que deveriam caminhar juntas quando se tenta colocar em evidência na grande mídia grupos minoritários. A comunicação é usada como uma ferramenta chave para pautar e estabelecer comportamentos sociais e crenças, em que tudo aquilo que é mostrado ou proposto é debatido entre os mais diversos setores e grupos que compõem a sociedade.

Quando pensamos em produtos midiáticos, a ideia de existir um programa televisivo que aborde questões de gênero e sexualidade alinhadas a uma manifestação artística de origens e participação majoritariamente LGBTQ, de maneira aberta, é totalmente nova. O surgimento de programas do tipo em maior escala são um fenômeno tão recente quanto as mídias sociais, sendo que esta tem um papel fundamental na disseminação das pautas LGBTQ como um todo, por diminuir barreiras de acesso à informação àqueles que acessam. Com a democratização do acesso e produção de informação, o número de canais de discussão foram aumentando, como canais no *Youtube*, portais de notícias e sites especializados e, junto com esses canais, a demanda por produtos midiáticos que acompanhassem o movimento por visibilidade.

Ao falar de pautas que envolvam a discussão de gênero e sexualidade, temas bastante controversos e delicados, entra em discussão uma moral social vigente. Quando se tenta representar um oprimido que vive regido sob uma moral conservadora dominante é algo sensível, passível de boicotes e outras formas de sabotagem. O Brasil é inegavelmente um país conservador e isso se reflete nas mais variadas instâncias que interferem no meio social, sendo a mídia uma delas.

O aparecimento do primeiro personagem LGBTQ na teledramaturgia brasileira, sendo a televisão o meio de comunicação de maior adesão e disseminação no Brasil no Brasil, de acordo com a figura 1, não aconteceu até o ano de 1970. Apesar de personagens com essa característica em particular terem demorado a aparecer na mídia brasileira sua aparição veio mais cedo em nos meios de comunicação de países como os Estados Unidos e Canadá. Mesmo assim, o fenômeno não deixa de ser recente.

Figura 1 - Evolução da presença de personagens LGBTQ na teledramaturgia brasileira



Fonte: Superinteressante

A evolução dos conteúdos apresentados, seja no formato dos programas ou no roteiro de filmes, novelas, séries e *reality shows* que possuem a presença ou narrativa de personagens LGBTQ é notável. Isso se deve a um histórico de lutas dos movimentos sociais que abriram e perpetuaram o espaço das pautas do grupo na mídia e política, sendo assim possível a criação e grande aceitação de um produto de cultura de massa com conteúdo majoritariamente LGBTQ que é o programa *RuPaul's Drag Race*,

O programa *RuPaul's Drag Race* surgiu nos EUA em 2009. Seu formato consiste na competição de várias *drag queens* pela coroa de maior *drag superstar* da América, título carregado pela própria RuPaul, criadora e apresentadora do *reality show*. Durante as suas temporadas, as competidoras têm seus talentos colocados a prova em desafios de diferentes competências como atuação, costura e canto.

A relevância e importância do programa vem de inúmeros fatores que vão desde seu formato e produção ao conteúdo veiculado. Produzida pela *World of Wonder* e veiculada pelo grupo de televisão que detém canais como VH1, é, no

mínimo, curioso que um programa de conteúdo estritamente LGBTQ seja transmitido por um grupo com tamanha visibilidade e audiência. Em sua primeira temporada até a 8ª era exibido pela *LogoTV*, também pertencente ao grupo, mas tinha um público delimitado, majoritariamente LGBTQ. Hoje, a partir da 9ª temporada, vem sendo veiculada pela própria VH1, canal de grande audiência nos EUA.

Outro fator de relevância é o tema principal do programa. Mesmo abordando uma forma artística de histórico LGBTQ, a arte *drag*, o programa vinha crescendo em termos de audiência a cada temporada. Essa arte tem como principal característica adotar características femininas, a partir de maquiagem e roupas, principalmente por homens cisgêneros.

O **objetivo geral** deste trabalho é refletir sobre a maneira que o *show* se apresenta como uma plataforma de reconhecimento de um grupo social excluído (LGBTQ), se questionando qual o discurso sobre a população LGBTQ vem vinculado a este produto midiático de entretenimento?

Tendo esse objetivo como norte do projeto, alguns **objetivos específicos** também são delimitados. Questionamentos como: (I) como essa narrativa é apresentada na mídia, sendo um programa americano adentrando o mercado brasileiro; (II) como essa lógica de representação social é inserida na lógica capitalista dos *reality shows* produzidos pelas grandes emissoras de televisão; (III) o que a arte *drag* proporciona em termo de representatividade em todo o contexto LGBTQ do programa; (VI) o que representa a figura da própria RuPaul como um ícone de representatividade.

Nesse contexto, o problema de pesquisa se inicia a partir do fato de existir um programa que dá visibilidade a uma forma artística majoritariamente dominada por pessoas LGBTQ, e de antecedentes periféricos, como um produto de mídia mainstream que representa a identidade do grupo LGBTQ.

A proposta é analisar como o programa *RuPaul's Drag Race* (RuPaul: Corrida de Drags) trata de assuntos relacionados ao mundo LGBTQ e à cultura *queer* e como isso é apresentado aos telespectadores como um produto de mídia. A escolha do *reality show* se deu pelo mesmo ser um produto televisivo que trata especificamente de assuntos que tocam a comunidade LGBTQ como um todo e por ter adquirido, ao

longo dos anos, um significativo aumento em sua audiência com o lançamento de novas temporadas, tornando-se um importante produto da cultura de massa.

O fenômeno recente das *drag queens* é a prova necessária para se ver como essa mudança vem acontecendo. Na última década, essas performers vêm ganhando espaço na música, tv e cinema, nacional e internacional, tendo o programa *RuPaul's Drag Race* como uma grande plataforma que alavancou a arte e deu visibilidade, não só à arte em si mas também para as pessoas que estão por trás das roupas e maquiagem.

O método empregado neste trabalho é a análise de conteúdo. São analisados aspectos da linguagem verbal e não-verbal acerca da construção ideológica do ser LGBTQ na sociedade atual. O modelo seguido foi proposto por Bardin que define essa metodologia como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

A temporada escolhida para análise é a 9ª temporada do programa, que foi de extrema importância para o crescimento da audiência visto que foi a primeira temporada exibida pelo canal *VH1*, tendo atingido um alto pico no seu episódio final¹, e por ter abordado temas sensíveis dentro da própria comunidade LGBT e pelos dramas e conflitos gerados ao longo da temporada, típicos de *reality shows*. Mais tarde, os acontecimentos dessa temporada ainda repercutiram em alguns pontos específicos do desenvolvimento do programa.

A análise de todos os episódios será baseada em uma série de critérios específicos, designados para mapear o discurso construído pela série. Os critérios foram: 1 - que tipo de vivências pessoais das concorrentes foram mostradas, e em quais contextos; 2 - que contextos sociais estão por trás dos acontecimentos do programa; 3 - qual o conteúdo das falas veiculadas; 4 - possíveis posicionamentos da anfitriã do *reality*, RuPaul; 5 - identificação de possíveis discursos e falas problemáticas acerca da própria comunidade; 6 - apontar a apropriação de signos de

¹ O episódio final da 9ª temporada é o número 14, sendo veiculado no dia 23 de junho de 2017 no canal *VH1*.

identificação de dentro da própria comunidade LGBTQ, utilizados para reconhecimento do público LGBTQ; 7 - quais distinções de gênero, sexo e sexualidade são feitas na série.

O objeto de estudo deste trabalho possui um caráter multidisciplinar e tangencia outras áreas do conhecimento e outros movimentos sociais de abrangência global. Neste trabalho, vamos limitar o objeto de estudo ao campo do gênero, sexualidade e mídia, especialmente a sexualidade e performances de gênero masculino, já que o programa é composto, majoritariamente, por homens homossexuais. Por ser uma área de estudo que perpassa diversas outras vivências como racismo e misoginia, o foco principal será na experiência LGBTQ mostrada no *reality*.

Para o desenvolvimento deste trabalho o primeiro passo foi desenhar como o movimento LGBTQ foi surgindo e se consolidando como um força a ser reconhecida por outros setores da sociedade. O **capítulo 1 - O movimento LGBTQ e seus desdobramentos** desenha o movimento desde seus primórdios, quando as pautas eram mais específicas e os grupos em evidência eram bem delimitados e vai mostrar o avanço da representatividade e visibilidade da comunidade no meio político-social.

Já o **capítulo 2 - Gênero, sexualidade e a arte drag** vai levantar o aspecto artístico apresentado no programa. Dentro da cultura *queer* consolidada ao longo dos anos, é mais do que comum acontecer um jogo com conceitos sociais relacionados à gênero e sexualidade. Neste capítulo será levantado um quadro referencial acerca dos estudos de gênero para explicar o que são essas nomenclaturas, o porquê de serem confundidas e como se inserem no contexto da cultura *queer*.

No **capítulo 3 - Representatividade LGBTQ na mídia**, vamos remontar como os LGBTQ são representados e como suas vozes foram construídas na mídia com o passar dos anos. Programas, publicações e outros produtos serão analisados a fim de traçar uma persona de quem são os LGBTQ pelos olhos da grande mídia.

No **capítulo 4 - O programa**, discorreremos melhor sobre a criação, histórico da apresentadora RuPaul, formato e os tipos de desafios do programa. A ideia é mapear o formato do programa e tudo aquilo que circunda seu universo para entendermos sua proposta.

O **capítulo 5 - Análise dos episódios** é o cerne deste trabalho. A partir de toda a construção feita no projeto, neste capítulo serão analisados os episódios da 9ª temporada do *reality show*. Serão analisadas falas, imagens, posicionamentos veiculados, formato de edição do programa e a construção da imagem das participantes a fim de entendermos como o discurso e vivência LGBTQ veiculado a partir do programa.

2 HISTÓRIA, HOMOSSEXUALIDADE E MOVIMENTO POLÍTICO

Antes de adentrarmos o universo do programa *RuPaul's Drag Race*, há a necessidade de entender como o movimento LGBTQ se constituiu e como suas lutas e reivindicações possibilitaram a visibilidade que a comunidade tem hoje. Ao longo do enredo do programa, são feitas alusões às diversas conquistas do movimento ao longo dos anos, como o direito ao casamento, adoção e a situação dos LGBTQ nas Forças Armadas. Todas essas conquistas foram precedidas por embates com setores historicamente mais conservadores da sociedade e, passo a passo, os LGBTQ foram ocupando espaços a que antes não tinham direito.

Em aspectos mais gerais, a construção do relacionamento do ser humano com sua própria sexualidade esbarra em outras construções sociais estabelecidas com o tempo. Casamento, ato sexual, adultério e prostituição são costumes e conceitos que ao longo da história foram comumente associados à liberdade sexual do indivíduo e, por serem práticas ilegais e consideradas imorais em determinadas épocas e culturas, eram severamente reprimidas por instituições tradicionais que faziam a manutenção da conduta humana, como a igreja e governo. É impossível falar do ser homossexual sem esbarrar em regulamentos da igreja sobre a prática da sodomia na Idade Média ou as leis que criminalizam a homossexualidade na modernidade (WEEKS, 1989).

Jeffrey Weeks (1989), em seu livro *Sex, Politics and Society*, afirma que os trabalhos acadêmicos e outros estudos sobre sexualidade sempre focaram em métodos excludentes de formas sexuais mais abrangentes e isso se deu no fato da nossa sociedade ser profundamente construída em relações e rituais de nascimento, casamento e reprodução, por exemplo. Outras formas como relações poligâmicas, não-heterossexuais ou extraconjugais são excluídas, embora sejam de extrema importância no estudo e construção de nossa história.

As relações homossexuais em outros períodos históricos podiam assumir outros papéis dentro da cultura, não necessariamente afetivas. Na Grécia Antiga, as relações sexuais entre homens possuíam uma função pedagógica e espiritual, sendo até consideradas como uma evolução da sexualidade (FOUCAULT, 1998). Esses relacionamentos tinham o nome de pederastia, ou seja, a relação entre um homem já formado, considerado sábio e respeitado e um garoto ainda em formação. Esses

relacionamentos eram de certa forma institucionalizados, portanto aceitos e tidos como parte da formação dos jovens do sexo masculino (VECCHIATTI, 2008).

Antes do movimento político se constituir como ele é hoje, uma série de acontecimentos e fatores históricos envolvendo as mais diversas instituições sociais, políticas, econômicas e religiosas resultaram a evidente exclusão de grupos minoritários, sendo uma delas o nosso objeto de estudo, os LGBTQ. Grande parte dessa exclusão é resultante na correlação cultural dos papéis de gênero que são passados e absorvidos de geração em geração como Molina conclui

[...] que as relações de gênero são construídas socialmente, isso implica dizer que, elas se dão de forma diferente de uma sociedade para outra e em épocas diferentes; ou seja, os sujeitos históricos têm suas relações fundamentadas por um padrão dominante no gênero como: homem/ mulher, provedor/ reprodutor, público/ privado, dominação/ submissão. (MOLINA, 2011, p. 951)

De acordo com Solé (*apud* TREVISAN 2000, pg. 110), ainda no período da Antiguidade e Idade Média, já existia no vocábulo cristão o conceito de sodomia, que era relacionado ao sexo anal e oral entre pessoas do mesmo sexo biológico ou no casamento heterossexual. Ambos eram condenados. Na época do Império Romano, a existência de relações homossexuais era reconhecida porém a principal condenação vinha para aquele que assumia o papel “passivo” da relação: mulheres e homens que adotavam a posição passiva no coito (DIAS, 2009). Ainda hoje podemos ver resquícios dos preconceitos associados a esses papéis de gênero em atos de machismo e homofobia.

Para entender um pouco mais sobre essa relação dos papéis de gênero frente à homossexualidade, um bom exemplo é própria adoção da palavra *gay* para se referir à homossexualidade masculina. Para quebrar com a construção e aceitação do termo homossexualidade (introduzido pela primeira vez em 1869 pelo médico suíço Karoly Maria Benkert) que afastava o peso patológico de homossexualismo, o movimento liberal dos anos 1960 utilizou o *gay* para se referir aos homossexuais masculinos. A palavra, gíria das épocas coloniais do século XIX, remetia às mulheres que tinha um comportamento inadequado a de uma dama. Ou seja, a utilização do termo *gay* foi introduzida de forma depreciativa para categorizar a homossexualidade como um desvio do padrão heterossexual dominante (JAGOSE, 1996)

A prática da sodomia era associada às práticas luxuriosas de libertinagem, portanto proibidas, desencorajadas e passíveis de punições das mais severas. A interpretação cristã da Bíblia, que viu no período da Idade Média uma grande disseminação dos seus ideias e nos costumes cristãos, tinha o objetivo único da reprodução e, por isso, o ato sexual só consumado após o sagrado sacramento do casamento (TREVISTAN, 2000). Ou seja, relações homossexuais não eram ao menos consideradas pois já eram recriminadas como pecado, tendo os estudos bíblicos como base.(TEIXEIRA, 2011).

Historicamente, a construção dos papéis sociais associados aos gêneros tem como base as relações de poder existentes na religiosidade, economia e política, sendo estas construções agravantes que dificultaram e postergaram o reconhecimento da homossexualidade como condição humana inerente e não pecaminosa. Mesmo que vários anos tenham se passado desde os tempos da Idade Média, os desdobramentos da construção de tudo aquilo que cerca a sexualidade (religião, política e socialização) desse período ainda respinga na conjuntura social que vivemos hoje. Esse cenário se reflete em todas as esferas sociais, principalmente quando se trata de pautas políticas afirmativas, onde Trevisan afirma que

[...] a homossexualidade pode ser alvo fácil para de um novo fundamentalismo político-empresarial – que a torna bode expiatório da generalizada crise de esgotamento moral dos nossos dias e, assim, une bancadas políticas díspares de evangélicos, ruralistas e católicos contra a ‘decadência moral’”. (TREVISTAN, 2000, p.19)

Ao que se tem histórico do início do movimento homossexual com a tendência de movimento naturalmente político, no mundo, foi no final da década de 1940 que ele começou a tomar forma. Antes desse período, o que poderia vir a ser a formação de um movimento foi incansavelmente perseguido pelo avanço do Stalinismo e Nazismo na Europa.

Composto principalmente por homens homossexuais que lutavam por questões de sociabilidade de grupo, o movimento, que ainda não tinha uma conotação política evidente, possuía como principal missão dissociar a imagem ruim dos estigmas sociais sobre as relações homossexuais, que foram construídos ao longo do tempo. Seus primeiros passos surgiram a partir da criação de centros e publicações periódicas que tinham como objetivo pautar a homossexualidade como uma condição normal da vida social e do trabalho. Junto a essas tentativas, estavam iniciativas como

o espaço *COC (Center for Culture and Recreation)*, em Amsterdam, e *Mattachine Society*, nos Estados Unidos.

A principal virada de chave no movimento, em nível internacional, foi a rebelião de Stonewall. Entre os anos de 1950 e 1960, a população LGBTQ norte americana vivia um regime político de total discriminação e marginalização dos LGBTQ, principalmente aqueles pertencentes à população *trans*. Durante esse período, vários outros movimentos estavam ganhando evidência, como o movimento negro e o de contracultura, sendo estes catalisadores para alavancar o movimento LGBTQ.

O bar Stonewall Inn. é um estabelecimento localizado na cidade de Nova York e era conhecido por receber uma grande variedade de perfis de clientes LGBTQ, como homens gays, pessoas transgêneras, lésbicas, prostitutas e pessoas sem teto. O bar, por pertencer a um grupo mafioso e também por receber toda essa variedade de perfis de clientes, sofria constantemente com batidas e rondas policiais consideradas abusivas por seus frequentadores. Cenas de pessoas sendo presas sem motivo e de abusos de autoridade eram comuns. Na manhã de 28 de junho de 1969, durante uma das batidas policiais, os frequentadores do bar reagiram à violência policial e ali ocorreu uma série de manifestações violentas que ganharam mais e mais força, durante quatro dias seguidos, conquistando mais e mais adeptos.

Como resultado dos motins, a comunidade começou a se organizar de maneira mais coesa e assim surgiram organizações ativistas e publicações que tinha como objetivo trazer visibilidade às pautas da comunidade. Entre elas, podemos citar a Frente de Libertação Gay, Aliança Ativista Gay e Força Tarefa Nacional Gay.

O termo LGBT, antes da adição da letra Q e das demais, ao longo dos anos, foi criado nos anos 1990 para representar melhor as diversidades de gênero e de expressão sexual. A sigla obteve diversos precursores que foram sendo modificados por não representarem apropriadamente os integrantes do movimento. Nos anos 1970, era adotado apenas o termo “homossexual” o uso da palavra era mais direcionado apenas a homossexualidade masculina. Para especificar melhor a diversidade presente no grupo, nos anos 1980, foi adotada a sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Mas foi apenas em 1990 que a sigla LGBTQ, como ela é conhecida, foi assumida. A sigla designa lésbicas, gays, bixessuais, transexuais, transgêneros e

travestis², sendo esse último termo uma designação de gênero específica da realidade brasileira.

No Brasil, foi final dos anos 1970 que o movimento homossexual começou a tomar forma. Aliado às militâncias dos movimentos negro, estudantil e feminista, aquela que poderia ser considerada a primeira onda (FACCHINI, 2011) do movimento homossexual, veio propondo reformas em sistemas e hierarquias sociais, apresentando suas primeiras ideias de politização. Facchini divide o movimento homossexual em três grandes fases: “uma primeira, que vai de 1978 a aproximadamente 1983; uma segunda, que vai de 1984 a 1992, e uma terceira, de 1992 aos dias de hoje” (FACCHINI, 2011, sp). Cada qual tem suas especificidades e pautas.

A segunda onda, de acordo com a autora, é bastante caracterizada pelo “menor envolvimento com projetos de transformação social como um todo; e uma ação mais pragmática e voltada para a garantia dos direitos civis e ações contra discriminações e violência” (FACCHINI, 2011, sp). Entre suas principais pautas estavam a despatologização da homossexualidade, a luta contra o HIV/AIDS, a inclusão da educação sexual nos currículos escolares e o tratamento digno dos gays perante a mídia. Já a terceira se caracteriza pela expansão e entrada das pautas nas demandas de políticas públicas, especificamente pelas políticas de saúde de combate à DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e a AIDS.

A partir de Stonewall e dos movimentos que ganharam força em diversas partes do mundo, direitos dos LGBTQ foram finalmente sendo alcançados e os pertencentes desse grupo foram alcançando os mais diversos espaços na política. Em 1974, o termo homossexualismo deixou de ser usado pela Associação Americana de Psiquiatria e em 1993 deixou a Classificação Internacional de Doenças nº 10, da Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo considerada uma condição inerente à sexualidade humana (VECCHIATTI, 2008). Gradativamente, os LGBTQ estão conquistando espaço na esfera político-social em diversos países, sendo a conquista do casamento igualitário e o direito à adoção em diversos estados, principalmente democráticos, a prova dessas conquistas.

² Travesti é uma denominação tipicamente da realidade brasileira que foi introduzida como uma forma pejorativa a se referir a mulheres da comunidade *trans*. Hoje a palavra está passando por um processo de reapropriação e é usada até como uma denominação de identidade de gênero.

3 GÊNERO, SEXUALIDADE E ARTE DRAG

O tema mais relevante levantado no programa *RuPaul's Drag Race* é a vivência LGBTQ alinhada a uma forma artística, a arte *drag*, e disruptiva no que se diz da discussão gênero e suas construções sociais. A dicotomia do papel de macho e fêmea, feminino e masculino são comportamentos que nos diferenciam, performaticamente, como seres atores de gêneros distintos: homem ou mulher.

Tradicionalmente, pessoas que se identificam com o gênero masculino ou feminino tem expectativas colocadas desde seu nascimento relacionadas a forma de agir, vestir e se comportar. Esses papéis sociais são internalizados e naturalizados desde a infância e aqueles que desviam dessas expectativas tendem a sofrer um processo de marginalização social e é esse processo que as *drag queens*, presentes dentro da comunidade a LGBTQ, sofrem dentro da sociedade. Elas, em sua maioria, são homens gays ou mulheres trans (mulheres que foram designadas com o gênero masculino ao nascer) e por isso o estigma de comportamento recai sobre elas. Além disso, a forma artística da *drag* é justamente brincar e perpassar esses limites de gênero, levando-os ao extremo e caricato.

O gênero, diferente do sexo biológico puro, é uma construção social que se forma de acordo com a associação de diversos significados culturais (BUTLER, 2003). A autora traz uma distinção da binaridade sexual e da binaridade de gênero socialmente construída, ou seja, o corpo possui uma natural distinção em duas categorias no que se pode falar no sexo biológico, mas que durante a história a binaridade do sexo se refletiu na performance dos gêneros. Ou seja, a discussão sobre gênero também envolve o sexo biológico como construção social.

Ao fazer sua construção argumentativa, Butler critica as teorias feministas por fundamentar suas ideias em um conceito de gênero que usava do par sexo/gênero como princípio fundamental. Tendo essa premissa como base, o feminismo, na visão de Butler (2003), pregava um tipo de identidade definida da mulher que, no lugar de emancipar, na verdade continuava apenas as aprisionando. Afinal, como a própria autora questiona: “como conceber um corpo, não mais como um meio ou um instrumento passivo à espera da capacidade vivificadora de uma vontade caracteristicamente imaterial?” (BUTLER, 2003, p. 27).

Butler (2003), ao tentar desnaturalizar o sentido de gênero como um conceito ou efeito já existente e imutável, dirige seu pensamento para o sentido da inconstância, do efeito. O gênero individual não é pré-estabelecido, mas causa de um efeito que se daria em uma convergência de relações sociais, históricas e culturais.

Desde que nascemos, baseando-se em nossos sexos biológicos nos são ensinados costumes e comportamentos que vêm atrelados diretamente ao sexo de nascença. A partir disso, somos reconhecidos socialmente e ensinados a repetir padrões de comportamentos passados entre gerações através dos anos (MAUSS, 2003). Assim como a ideia de Mauss sobre o comportamento do indivíduo, Butler (2003) fala da influência das instituições de poder sobre o corpo humano e sua forma de se manifestar. Aquilo que nos é ensinado como masculino e feminino vem de constantes repetições normativas da performance dos gêneros binários.

Quando falamos de corpos que não se encaixam nesse padrão são imediatamente tomados como estranhos, desviantes ou excêntricos. O termo *queer* surge a partir dessa excentricidade dos corpos desviantes do padrão como um termo pejorativo a esses indivíduos. Porém, além do significado difamatório, a palavra *queer* adquiriu um significado exploratório de todo aquele sentido e expressão que foge da normatividade social de comportamento.

Assim, faz-se necessário entender como surgiu a palavra *queer*, a letra “Q” e o porquê dela ter se tornado tão emblemática quando nos referimos à população LGBT. A palavra *queer* surgiu como um termo de conotação pejorativa nos grupos mais conservadores da sociedade, e assim foi assumida para se referirem a pessoas que possuíam padrões desviantes, principalmente de comportamento, do que se era considerado aceitável no convívio social. O *queer* não possui uma tradução exata para a língua portuguesa mas sua conotação estaria próxima do que seria estranho/excêntrico.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante- homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina (LOPES, 2004, p.7)

Guaracira Louro Lopes (2004), em sua obra *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, tenta entender as condições do ser de se dar significado ou ressignificar-se, principalmente através do corpo. A existência de um grupo que vive à margem de um território normativo de comportamento denuncia instabilidade dos corpos perante ao que é o padrão heterossexual de ser. Geralmente, essas formas de expressão, apesar de não ser regra, se manifestam em pessoas da população LGBTQ. Esses corpos se apresentam como meios de encontro de novas formas de conhecimento corporal, minadas de diferentes identidades culturais que transcendem a normatização imposta a sexualidade humana.

Tendo essas definições sobre gênero, corpo e do estranho, entramos no universo de estudo deste estudo: os LGBTQ e a arte *drag*. Falando de maneira geral, drag é a realização de uma performance de um gênero por um outro gênero, adornado de apetrechos e utilizando de signos comumente associados ao gênero oposto. O fazer drag engloba uma série de questões políticas identitárias que, em um primeiro olhar podem parecer simples, mas do ponto de vista de representatividade é um pouco mais complexo.

O universo drag perpassa, praticamente, entre todas as letras da sigla LGBTQ. Ele se relaciona com o homem gay, mulher lésbica, bissexuais, travestis e mulheres trans, abrindo possibilidades de expressão e sendo, em alguns casos, confundidas com expressões de gênero próprios do grupo, a exemplo das travestis e mulheres transexuais. Essa forma artística tem o corpo performático como principal meio de manifestação.

Ao se montarem, as drag queens atribuem um sentido metafórico ao seu corpo. Trata-se de um ser/estar masculino/feminino ao mesmo tempo, dividindo o mesmo corpo. O fenômeno drag nos permite estar diante de um corpo híbrido, marcado pela justaposição de signos convencionados por normas de gênero como pertencentes a seres do sexo feminino em um corpo masculino. A partir da transformação acontece não apenas uma mutação corporal, marcada pela plasticidade e pela efemeridade. A identidade do performista passa pelo mesmo processo, ao mesmo tempo em que a identidade do personagem vai se incorporando e se apropriando de voz e códigos gestuais que, embora performativos, podem definir uma relação com o seu intérprete. (SANTOS, 2012, p.72)

Stuart Hall (2004) traz, em seu livro “A Identidade cultural na pós-modernidade”, a crise da identidade humana na passagem da modernidade para o sujeito pós-moderno.

Em sua construção do sujeito sociológico (HALL, 2004) encontra no período do final da década de 1960 histórico do avanço do feminismo, responsável não só pelas teorias de emancipação da mulher, mas também do questionamento da sexualidade e dos gêneros binários. Os estudos de Butler, como discutido anteriormente neste tópico, foram um dos expoentes dessa linha.

A partir desse tópico compreende-se que com o passar do tempo vem acontecendo o fenômeno de descentralização do sujeito e das suas identidades. Exemplificando tudo isso com o conceito de identidade nacional, afirmando que essa noção de identidade é na verdade construída repleta de significados coletivos, onde são definidos padrões, símbolos, linguagem e modos de pensar e agir, todos de acordo com uma certa cultura.

O sujeito sociológico de Hall (2004) encaixa muito bem com o fato do indivíduo descrito com Gamson (2002, p. 151) ao falar da reapropriação do termo *queer* pelos LGBTQ. Como foi descrito, o termo surgiu como uma descrição pejorativa ao comportamento e forma de existir dos sujeitos LGBTQ, baseados em uma gama de pesos, construções, ideologias e leis estabelecidas na sociedade. A expressão foi reapropriada de forma que hoje é usada com uma forma de empoderamento do grupo onde todos os significados históricos são incorporados e desfrutados, desafiando, assim, uma norma social.

Mas, pensando em todas essas mudanças e assimilações que estavam ocorrendo na realidade da população LGBTQ, existe uma variável de extrema importância que precisa ser levantada e considerada. Antes, questionamentos como esse eram mais restringidos a certos setores da sociedade, como o meio acadêmico e aos grupos seletos com acesso à informação. Nessa realidade, a mídia entra como uma variável potencializadora que propaga essas pautas com mais amplitude mas, é preciso saber o que é veiculado e de que forma essas pautas são abordadas por aqueles que detêm os meios de comunicação.

4 MÍDIA E REPRESENTATIVIDADE LGBTQ

Desde o começo dos anos 1970, o tema da homossexualidade e questionamentos relacionados às performances de gênero vem ganhando espaço na mídia e conseqüentemente uma narrativa vem se construindo no imaginário social de acordo com o que é veiculado. Desde esse período, a sexualidade vem sendo vista como um espaço de maior diversidade e vivências que antes eram assuntos marginalizados.

Muito é falado sobre colocar mais personagens ou pautas em mais evidência na mídia, tudo a fim de aumentar a representatividade dos LGBTQ na mídia. Ao falarmos de representatividade entendemos que

[...] representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar na realidade cotidiana. [...] O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual se situam grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que não são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade. (SÊGA, 2000, p. 128).

Pensando nessa linha, sendo a representação social uma forma de traduzir e apresentar uma realidade, um cotidiano, uma cultura a outros grupos a fim de construir um imaginário social, não se pode pensar em representação sem pensar no papel que a mídia exerce sobre esse processo (JODELET, 2001; MOSCOVICI, 1978).

A ação da mídia é um fator fundamental na difusão de informação. É a partir dela que são construídos imaginários sociais já que a mesma possui o poder de decidir o que veicular, ou seja, “o público pode construir uma imagem da ‘realidade biotecnológica’ apenas com base no que a própria mídia decide transmitir” (GUTTELING, 2002, p. 95). Dentro disso tudo, além do fator da informação veiculada, o papel do meio também deve ser levado em conta. A escolha de onde os conteúdos são veiculados também faz parte da mensagem (MCLUHAN, 1967) e essa reflexão é de extrema importância no nosso objeto de estudo.

O histórico de aparições de personagens LGBTQ na mídia no início dos movimentos, entre os anos 1940 e 1970, é bastante tímida. Começou a partir da existência de jornais impressos menores desenvolvidos pelos próprios grupos de mobilização a fim de disseminar conteúdos de interesse do público, a exemplo do

Lampião da Esquina, primeiro jornal de temática homossexual a ter circulação nacional, em 1978. O jornal usava bastante da liberdade linguística e utilizava muito de gírias e expressões próprias da comunidade da época. Além disso, era comum o jornal denunciar atos violentos contras a comunidade LGBTQ, negros, índios e mulheres.

Figura 2 - Capa da edição de março de 1990



Fonte: *Vice*

Neste capítulo, vamos nos aprofundar nos produtos de conteúdo midiáticos que tenham os LGBTQ como tema central e que tenham sido/sejam veiculados em dois tipos de mídia: televisiva e online (*streaming*). Os meios foram escolhidos por sua relevância nos dias de hoje e por serem os dois meios de distribuição do objeto de estudo.

Focando principalmente na mídia televisiva, a aparição de personagens LGBTQ em produtos audiovisuais possuem peculiaridades interessantes. Como já mencionado, um dos primeiros personagens LGBTQ da teledramaturgia brasileira, as

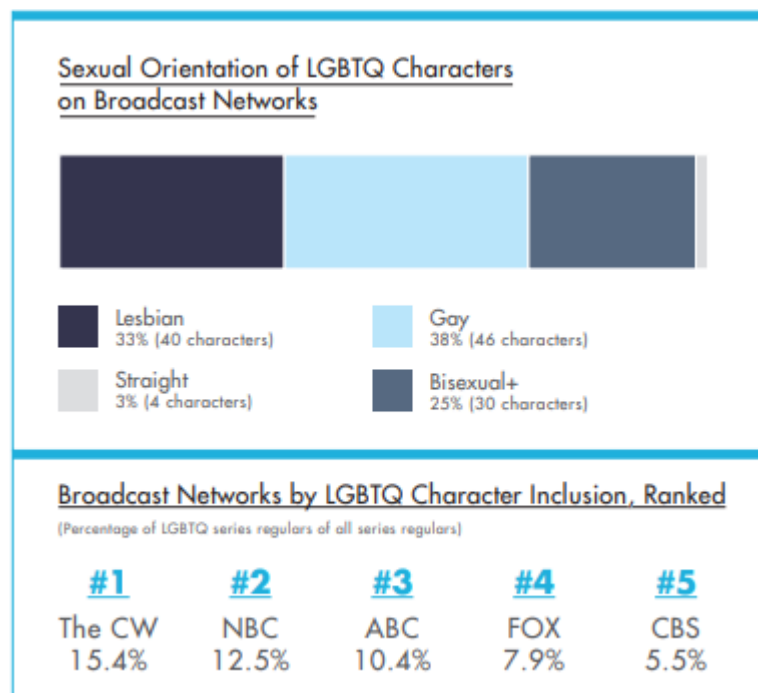
telenovelas, foi em *O Rebu*, exibida em 1974 pela emissora TV Globo e em *O Astro*, em 1978, também pela rede Globo. Em ambas as produções, os homossexuais foram retratados sendo ligados ao crime em algum momento da trama. Resumindo, já nas primeiras aparições dos LGBTQ eles são associados a pessoas à margem da lei contribuindo para a construção de um imaginário social, não favorável, dessa população

Ainda na década de 1970, em outras produções, surgiram personagens mais “afetados” (dotados de trejeitos femininos de caráter escandaloso e caricato) como parte da trama. Nos anos seguintes, o número de personagens, em sua maioria homens gays e brancos, foi aumentando, sempre trabalhando com o polêmico, para atrair audiência, e o estereótipo que servia para não “irritar” camadas mais conservadoras da sociedade.

De acordo com o relatório de 2019/2020 divulgado pela GLAAD (*Gay & Lesbian Alliance Against Defamation*) houve um crescimento no número de personagens LGBTQ presente nas séries de TV e *streaming* americanas. De acordo com a organização, dos 879 personagens sendo transmitidos nas séries e produtos da televisão americana no horário nobre, 90 são parte da comunidade LGBTQ. O número ainda são pequenos mas, de acordo com o relatório, vem crescendo de ano em ano, sendo o número mais alto registrado desde a criação do relatório há 14 anos. Entre os canais de TV pagos, o número foi de 215 personagens, entre regulares e recorrentes. Já nos serviços de streaming, dentro do catálogo das produções originais, a quantidade foi de 153 personagens, entre recorrentes e regulares.

Dentro do espectro que compõem os LGBTQ, os pesos de visibilidade de cada grupo da comunidade se refletem no número de presenças dentro dentro das produções. Dos números apresentados anteriormente, a quantidade de personagens gays, lésbicas bixessuais e trançêros possuem quantidade diferente de acordo com emissora e plataforma.

Figura 3 - Gráfico de presença LGBT em emissoras abertas



Fonte: GLAAD

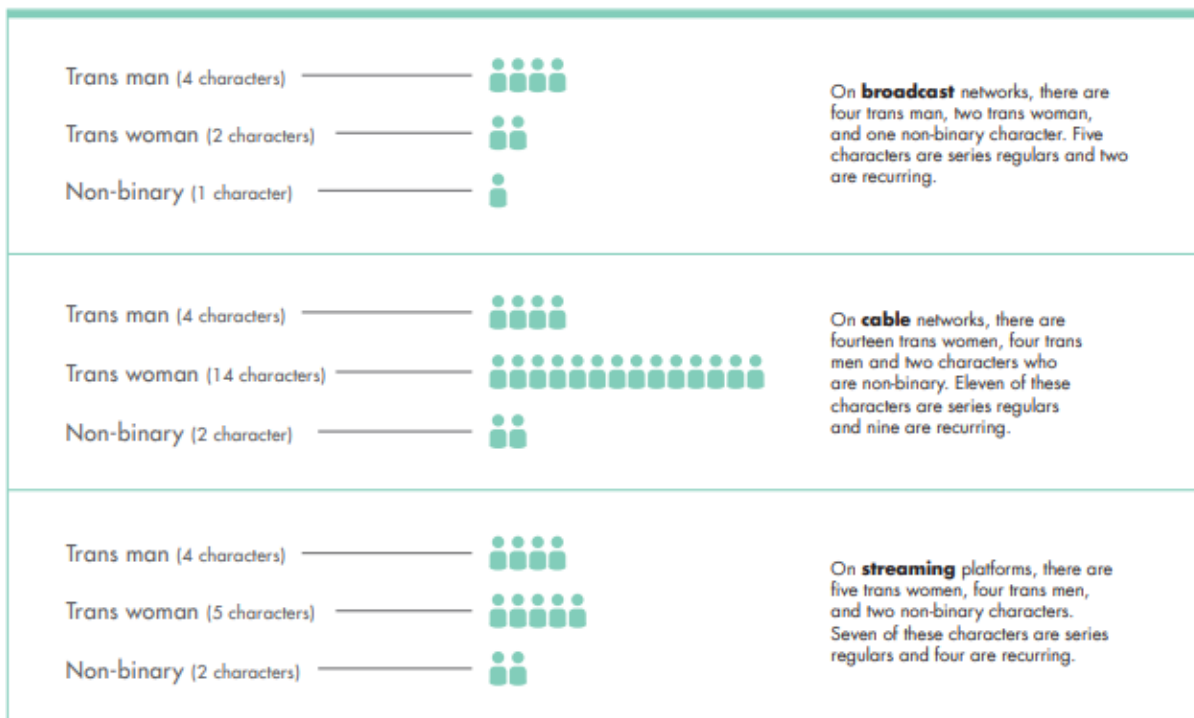
Analisando o gráfico da figura 2, que representa o número de personagens LGBT no horário nobre da TV aberta americana, fica explícito que os pesos de representação são notoriamente diferentes. Nesse caso, os personagens cisgêneros (pessoas que se reconhecem com gêneros designados ao nascer) gays estão em maior número, seguido das mulheres lésbicas, bissexuais e, com um número muito abaixo, o héteros. Vale lembrar que os personagens héteros indicados no gráfico se referem às pessoas trans heterossexuais, já que na comunidade LGBTQ, apenas eles podem ser héteros.

O mesmo acontece com os personagens das emissoras de TV a cabo e empresas de *streaming*, a ordem segue a mesma, mas com porcentagens mais discrepantes. Das emissoras de TV a cabo, 34% são gays, 30% lésbicas, 28% bissexuais e 6% héteros. Das produções dos canais de streaming 48% dos personagens LGBTQ são gays, 30% lésbicas, 24% bissexuais e 3% héteros. Dessa forma, vemos uma discrepância na quantidade de personagens gays em relação ao restante da comunidade.

Ainda sim, a população trans é a que mais enfrenta a falta de representatividade, como mostra o gráfico da figura 3. Somando todos os

personagens trans, seja mulher, homem ou não-binários (pessoas que não se identificam com nenhum dos dois gêneros ou que flui entre eles) são no total 38 personagens, levando em conta as emissoras abertas, TVs fechadas e serviços de streaming.

Figura 4 - Gráfico de presença de personagens trans na programação americana



Fonte: GLAAD

Dentro desses números divulgados pelo relatório, é importante ressaltar que o número de personagens trans (entre mulheres e homens) subiu desde o último ano. Apesar de os números serem tímidos, a presença de personagens LGBTQ na mídia vem crescendo aos poucos e conquistando espaços de importância nas tramas veiculadas pelas emissoras e empresas de streaming.

Tendo esse cenário de representatividade na televisão americana levando em conta a presença de personagens LGBTQ na mídia, e a forma de representatividade que existe no Brasil, principalmente nas programações de TV aberta, temos uma prévia de como a população LGBTQ é vista. No Brasil, as programações de televisão aberta utilizam o estereótipo do LGBTQ na visão heteronormativa e a vende como uma realidade a parte, um mundo adjacente, porém marginal e secundário às narrativas principais.

Já nos Estados Unidos existem narrativas de diversos teores nas programações midiáticas mas, em termos de quantidade, ainda não representa numericamente o peso de toda a população LGBTQ. E nesse espectro, entra o programa analisado neste trabalho. O conteúdo do *reality show RuPaul's Drag Race* concentra várias formas culturais e artísticas do mundo LGBTQ que são historicamente marginalizados e recriminados mas, mesmo frente a isso, o programa virou um grande produto da cultura pop atual, sendo fenômeno de audiência.

5 O PROGRAMA

O programa *RuPaul's Drag Race* é um *reality show* de competição entre *drag queens*. O programa foi lançado em 2009 e veiculado pelo canal *LogoTV*, da TV americana. Ele foi inicialmente desenvolvido para integrar a programação da MTV americana mas acabou indo para o canal do grupo da *VH1*. O programa já acumula o total de 15 temporadas, sendo 11 delas do show regular e 4 temporadas do *spin-off*, *RuPaul's Drag Race All Stars*.

O *reality*, além de suas temporadas regulares, possui dois *spins-off*: *RuPaul's Drag U* e *RuPaul's Drag Race All Stars*. O *Drag U*, cancelado em 2013, consistia nas participantes das temporadas colocando pessoas comuns para experienciar a arte *drag*, sendo as competidoras as mentoras. Em *All Stars* as competidoras que perderam suas temporadas regulares são convidadas para participarem novamente do programa para integrarem o *Drag Race Hall Of Fame*, prêmio que seria semelhante ao prêmio das temporadas regulares. O programa hoje atingiu um patamar de grande aclamação crítica e tornou-se um fenômeno da cultura pop, já tendo ganhado prêmios *Emmy Awards* e *People Choices Awards*.

O formato do programa consiste em alguns pontos principais que guiam todas as temporadas. Ao se inscreverem no *reality* as competidoras são colocadas em prova em diversos desafios de naturezas diferentes a fim de testar suas habilidades e talentos. Esses desafios podem ser de atuação, costura, canto e outras variedades que procuram colocar a prova diferentes tipos de talento. O prêmio final consiste na nomeação da queen como a "*American's Next Drag Superstar*", título carregado e concedido à própria RuPaul por seus anos de trabalho e conquistas da carreira no *show business*.

A carreira de RuPaul começou muito antes da criação do *reality show* que apresenta hoje. O início foi quando a *drag* se mudou para Atlanta, e posteriormente Nova York, começando a performando em bares com dançarino e cantor. Nesse período ela fazia parte de uma banda de punk/rock chamada *Wee Wee Pole*.

Após se mudar para Nova York, RuPaul começou a performar, já montada de *drag*, em um grande festival LGBTQ chamado *WigStock*. O festival é considerado um marco da contracultura de Nova York e foi fundado por uma amiga pessoal de RuPaul,

também drag, Lady Bunny. Por causa de toda sua carreira na cena de baladas de Nova York e também das suas performances no festival, a drag virou uma figura muito conhecida na cena LGBTQ da cidade, ganhando notoriedade aos poucos. Em 1989, a *drag queen* mais famosa do mundo fez sua primeira aparição nacional no clipe de *Love Shack* da banda B-52s.

Na década de 1990, após sua aparição no clipe, RuPaul fez aparições em filmes e séries de sucesso como “Sabrina, aprendiz de feiticeira”, e ainda foi o rosto da marca mundial de cosméticos “MAC Cosmetics”. Sua carreira atingiu outro papatamar em 1993 quando lançou o single “Supermodel Of The World” que chegou a ficar na posição 45 na principal parada da revista musical *Billboard*, e atingindo 1º lugar na parada da *dance music*, também da *Billboard*. Após esse feito ela continuou lançando singles e álbuns que faziam sucesso, principalmente, nas paradas musicais relacionadas a baladas e músicas dançantes. RuPaul também chegou a ter seu próprio programa de entrevistas na VH1, onde entrevistou celebridades da época como Cindy Lauper, Nirvana, Diana Ross e os Backstreet Boys.

Em meio a todo esse sucesso, quando RuPaul tentava focar na carreira musical, já nos anos 2000, sua carreira começou a sofrer uma espécie de boicotes de rádios e outros programas de divulgação que se recusaram a divulgar ou avaliar seu material musical caso a artista não quisesse fazer isso em troca de favores como apresentações e aparições gratuitas. Foi nesse contexto em que nasceu o programa *RuPaul’s Drag Race*, hoje vencedor de 2 *Emmy Awards*.

Figura 5 - RuPaul segurando a estatueta do Emmy 2019 após ganhar o prêmio de melhor apresentador



Fonte: G1³

O sucesso do programa, além de seu formato, vem muito também das participantes. Apesar do nome RuPaul ter peso, o carisma das participantes juntamente com a capacidade da internet de transformar momentos e falas em *memes*, a difusão do programa foi em grande parte orgânica.

A configuração do programa funciona a partir de mini-desafios, desafios principais, momentos nas estações de trabalho, julgamento e eliminação (batalha de *lip-sync*). Os mini-desafios são provas menores e com tempo de duração e pouca complexidade que servem geralmente para conceder pequenas vantagens nos desafios principais.

Os desafios principais são o ponto central dos episódios, são neles que são testados os principais talentos das *drags*. Alguns exigem técnicas de improviso, costura ou canto, sendo alguns desses desafios já conhecidos e esperados todas as

³ "'Queer Eye', 'RuPaul's Drag Race' e 'Leaving Neverland' 15 set.. 2019, <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/09/15/queer-eye-rupauls-drag-race-e-leaving-neverland-ganham-premios-no-creative-arts-emmy.shtml>. Acessado em 22 out. 2019.

temporadas, como é o caso do Snatch Game, em que as artistas imitam alguma celebridade de forma cômica para responder uma série de perguntas. Seguido do desafio principal, vem o julgamento. Durante o julgamento, o painel de jurados regulares e convidados as julgam e elegem a vencedora, os destaques e a dupla que ficou entre as últimas colocadas. As duas queens do bottom two (expressão utilizada para as duas últimas colocadas) são obrigadas a dublar, após o julgamento, uma música escolhida previamente e aquela que não se destacar na performance é eliminada.

O momentos nas estações de trabalho são as partes em que as queens estão se preparando para os desafios, é o espaço comum do programa. São estes os momentos em que elas são vistas desmontadas e conversam sobre os mais variados assuntos, desde vivências pessoais a experiências traumáticas que possam ter passado.

O formato em que o *reality show* é construído pode ser sintetizado pelos estudos de Fedlman que dizem que

[...] a realidade (ou aquilo que tomamos por realidade) é engendrada pelo show, este também paradoxal, pois sustentado por uma encenação auto reflexiva e pela simultânea conjugação da “suspensão da descrença” cara à ficção assumida como tal com a “suspensão da crença” própria à desconfiança suscitada pela reflexividade da cena. (FELDMAN, 2011, p. 5)

A autora também traz à tona que há muitas técnicas fílmicas utilizadas na produção desses realitys e tudo converge para a criação de um sentido de *efeito-de-verdade* (FELDMAN, 2011) que intensificam o efeito ilusório sobre o que é verdade e o que é construído.

Levando em conta todas as variáveis que envolvem a produção, o peso histórico do movimento que o contexto do programa pertence, nos faz necessário analisar qual o conteúdo que está sendo vendido e assimilado pelo público consumidor do nosso objeto de estudo.

6 ANÁLISE DOS EPISÓDIOS

A partir do método descrito por Bardin (2011) para se produzir uma análise de conteúdo, o trabalho será feito a partir da divisão de todos os episódios da temporada, ou seja, todos episódios da 9ª temporada de *RuPaul's Drag Race* serão analisados separadamente, um a um.

Em segunda instância foram elencados oito diferentes categorias a serem analisadas dentro da narrativa do programa, que irão nos ajudar a mapear o que é dito sobre a população LGBTQ, quais são os conceitos sobre a arte drag que estão sendo produzidos pelo programa e qual a imagem da própria apresentadora, RuPaul, é consolidada pelo programa.

1. Vivências pessoais de discriminação:

Em diversos casos o programa usa das falas das participantes para passar uma mensagem sobre um determinado tema de discriminação ou outros tipos de distúrbios pessoais, serão analisados os conteúdos dessas e quais mensagens estão sendo passadas;

2. Relacionamentos familiares:

O tema “família” é bastante explorado pelo programa, seja ela no sentido de família de sangue ou sendo de comunidade da população LGBTQ;

3. Estereótipos de gênero:

Por drag ser uma arte, muitas das performances ou manifestações feitas por ela utilizam de estereótipos de gênero para passar suas mensagens. Serão analisados que estereótipos são esses e como estão sendo utilizados;

4. Conceito do que é drag:

A arte drag surgiu de forma marginalizada e, além disso, faz alusões a performances de gênero femininas e masculinas, que muitas vezes são confundidas com conceitos de identidade de gênero. O programa tenta sempre fazer essa diferenciação a fim de dar ao fazer *drag* seu aspecto artístico aos olhos daqueles que assistem o programa.

5. História LGBTQ:

Em diversas ocasiões o histórico de lutas e acontecimentos que marcaram a história LGBTQ são trazidos para conversas ou desafios.

6. Signos da cultura queer e cultura de massa:

Uma estratégia do programa em massificar sua visibilidade e trazer o senso de pertencimento é utilizar de signos e ícones da cultura queer e cultura de massa que tenham proximidade com a população LGBTQ.

7. Imagem de RuPaul:

A imagem de RuPaul é constantemente exaltada ao longo do programa, seja nos desafios, seja promovendo seu nome em trocadilhos ou divulgando seu produtos.

Os episódios foram todos assistidos na plataforma de streaming Netflix Brasil.

6.1 Episódio 1 - Oh Minha Santa Gaga!

O primeiro episódio da nona temporada já começa com uma série de imagens e gravações rápidas mostrando o espaço de trabalho em que as drags ficam durante as gravações, local onde se preparam para os desafios. Um aspecto interessante a ser notado nesse local é a grande exposição da imagem da host da temporada, RuPaul. Mesmo que o programa já leve seu nome, sua imagem é constantemente exaltada durante todas as temporadas passadas, e essa não é diferente. Estátuas, os troféus das participantes, vários quadros, todos possuem imagens da própria RuPaul, sinal de uma tentativa de construção de imagem apoteótica da drag.

Figura 6 - Estátua da RuPaul nas estações de trabalho (“werkroom”)



Fonte: Episódio “Oh Minha Santa Gaga!” do reality “RuPaul’s Drag Race” (NETFLIX, 2017)

Durante as falas de algumas competidoras no momento inicial do episódio em que as *drags* entram nas estações de trabalho, já fica evidente singela inclinação em definir o imaginário drag da série, sendo de forma explícita ou não. Dois exemplos presentes, já no primeiro episódio, é a fala de uma participante: Kimora Blac. Ao apresentar-se, a competidora dá um depoimento exaltando o formato do seu corpo feminino relatando que todos os gêneros e sexualidades a desejam, o que dá a entender que mesmo sendo um homem, sua montagem é tão boa que é legitimamente confundida com uma mulher. Essa fala e característica do corpo de Kimora, é o fenômeno do corpo híbrido (SANTOS, 2012), em que os os signos dos dois gêneros se justapõem e viram um só

A temporada já começa com entrada de Lady Gaga na *werkroom* (sala das estações de trabalho), com ela fingindo ser uma das participantes que irão competir nos desafios pela coroa. Todo o episódio gira em torno de sua presença, sendo o desafio principal, uma forma de homenagem à sua carreira. O programa tem uma característica fundamental na sua fórmula, que é a presença de diversas celebridades mundialmente famosas, podendo ser no painel de jurados ou como uma simples aparição surpresa. Há uma tentativa por parte da produção em massificar o show e a aparição dessas personalidades da mídia é uma das estratégias utilizadas e isso acontece nesse episódio e nos episódios seguintes.

A aparição de Lady Gaga serviu, mesmo que de forma espontânea, para apresentar justamente como uma pessoa LGBTQ pode ter vivências traumáticas

durante sua vida. A participante, Eureka O'Hara, após a revelação da presença da artista, se emocionou ao contar como o trabalho da cantora a ajudou a passar por períodos difíceis em sua vida

Figura 7 - Eureka dizendo à Lady Gaga como seu discurso a ajudou



Fonte: Episódio "Oh minha Santa Gaga!" do reality show *RuPaul's Drag Race* (NETFLIX, 2017)

A própria Lady Gaga, após ouvir o relato da *drag* dá um depoimento, dando a entender que também faz *drag*, relatando como essa arte a faz sentir-se mais forte e o quanto ela respeita os LGBTQ por terem a bravura de se expressarem por meio dessa arte.

Durante o desfile inspirado em Lady Gaga, a drags Peppermint, se remete à natureza desconstrutiva do fazer drag, o quão inovador ele é por desafiar as regras dos gêneros e permitir uma liberdade maior de expressão. Ela valida isso se remetendo ao próprio trabalho de Lady Gaga e, também, de David Bowie. Esses dois artistas são especialmente conhecidos por possuírem uma estética polêmica e andrógina. O discurso, da maneira que foi apresentado, serviu com uma espécie de validação da uma forma artística como algo que é feito até por artistas de grande porte e que não pertencem à uma classe marginalizada, nesse caso Lady Gaga e David Bowie.

Além do desfile baseado em Lady Gaga, houve também um desfile em que o tema foi "lugar de onde vieram". Importante ressaltar que muitas utilizam de fatores mundialmente conhecidos sobre as cidades, como a estátua da liberdade de Nova

York ou os parques temáticos de Orlando com inspiração para as roupas mas outras, ao exemplo de Eureka O'Hara, fizeram uso da imagem estereotipada da mulher interiorana do sul dos EUA, como mostrado na figura 6. Sendo o desafio fazer uma representação da cidade ou estado de origem, a roupa de Eureka reforçou inúmeros estereótipos de gênero, além de generalizar a mulher interiorana com a imagem caipira e desarrumada.

Figura 8 - Eureka montada de mulher interiorana do Estado de Tennessee, EUA



Fonte: Episódio "Oh minha Santa Gaga!" do *reality show RuPaul's Drag Race* (NETFLIX, 2017)

6.2 Episódio 2 - Catou o que era dela e lacrou

No segundo episódio, uma nova participante é introduzida na competição, uma competidora da temporada anterior (8ª temporada). Durante o intervalo entre a 8ª e 9ª temporada, a participante enfrentou uma árdua luta contra um câncer no fígado, e por ter superado, sua nova chance de voltar ao programa foi dada como uma comemoração.

Figura 9 - Revelação de Cynthia Lee Fontaine como última competidora



Fonte: Episódio “Catou o que era dela e lacrou” do *reality show RuPaul’s Drag Race* (NETFLIX, 2017)

Assim como no primeiro episódio, há outra aparição surpresa: Lisa Kudrow. Sem aparente vínculo com algum desafio do programa a atriz faz um breve aparição no episódio para cumprimentar as competidoras e depois vai embora. RuPaul revela que uma de suas saudações icônicas “Hello, hello, hello!”, usada todo começo de episódio quando RuPaul faz sua primeira aparição, foi inspirado em um dos papéis interpretados ao longo da carreira da atriz. A constante incorporação de celebridades vem como forma de mostrar que o *show* possui toda uma gama de referências que vão sendo absorvidos pela narrativa do *reality*. Como os jurados convidados do episódio, a banda B-52 que escalou RuPaul em 1989 para o video clipe da música *Love Shack*, momento importante para o deslanche da carreira da *drag*.

O desafio do segundo episódio, a apresentação de *cheerleader* foi roteirizado como uma batalha de dança entre dois grupos, um grupo representando o programa e outro representando a banda convidada como jurada especial. Vale ressaltar que as falas do time representando o programa, se remeteu aos produtos e músicas do catálogo pessoal de RuPaul.

Esse desafio acabou por virar um tópico sobre vivência delas no ensino médio e nesse momento houve o relato da drag Peppermint sobre a homofobia sofrida durante o ensino médio. Em seu relato, ela conta sobre ter sido agredida fisicamente pelo time de futebol após ter feito um elogio a um dos jogadores. Um ponto que foi frisado durante o relato foi o fato de após ter feito a denúncia, a drag ganhou grande

apoio da escola e dos outros estudantes, além do jogador ter sido expulso da escola. Quando a narrativa toma o rumo de ter um final mais digno, a trilha sonora muda para uma música com tom de superação e esperança, dando um toque que esses casos recorrentes na realidade LGBTQ devem ter um tratamento similar ao relatado pela drag.

Nem todas as histórias são contadas de forma dramática a fim de emocionar o telespectador, algumas, geralmente histórias mais leves, são contadas de forma mais cômica mas mesmo assim ainda revelam pequenas opressões vividas por membros da comunidade. A história de Shea Coulée é um dos casos, quando ela conta que gostaria de ter feito aulas de cheerleader mas seus pais não deixaram por ser algo muito feminino.

Vários dos desafios criados no programa utilizam de adjetivos e estereótipos femininos, um aspecto bastante presente na arte drag. Inicialmente as drags são vistas como homens vestidos de mulher e o programa explora bastante esse discurso. No segundo episódio isso fica evidente, por exemplo, nos nomes que cada *cheerleader* recebeu, que na verdade são adjetivos comportamentais a fim de estereotipar os comportamentos a serem interpretados no desafio. Assim, como na interpretação de Eureka da mulher sulista no primeiro episódio, nesse desafio a forma que o feminino foi representado nos faz questionar se a forma que a arte *drag* atua não perpetua ainda mais estereótipos aprisionadores das expressões de gênero (BUTLER, 2003) justamente por utilizar deles para fins, principalmente cômicos no programa.

Figura 10 - Apresentação da dança de cheerleaders



Fonte: Episódio “Catou o que era dela e lacrou” do *reality show RuPaul's Drag Race* (NETFLIX, 2017)

Um dos exemplos do senso de comunidade é a conversa entre as competidoras Trinity Taylor e Cinthya Lee Fontaine sobre o caso de câncer da segunda. Após sua chegada ao fim do primeiro episódio, Trinity conversa com o Cynthia para saber se está tudo bem com sua saúde e se ela consegue realmente competir após a quimioterapia. As duas tem uma conversa sincera e sentimental sobre o assunto já que Trinity teve familiares que perdeu para o câncer.

6.3 Episódio 3 - Drags para Sempre

Nesse episódio o desafio principal é a construção de uma narrativa de princesa mitológica, sendo um desafio de costura e criação. No momento em que o desafio foi anunciado, a edição focou na excitação das *queens*, principalmente o mostrar o comentário de Alexis Michelle falando sobre não ter dificuldade em imaginar-se como uma princesa. Sempre que há a chance o programa usa das falas das queens ou da própria apresentadora para mostrar a afeição dos LGBTQ por narrativas geralmente associadas ao feminino, como o cheerleader no episódio anterior e o fantasioso mundo de princesas, neste episódio.

Figura 11 - Valentina montada de princesa



Fonte: Episódio “Drag para sempre” do *reality show RuPaul’s Drag Race* (NETFLIX, 2017)

O programa, quando tem a chance, tenta relatar a perspectiva dos LGBTQ que passam por grandes traumas que viraram de grande conhecimento do público. Um caso que foi explorado com bastante assiduidade pela cobertura da imprensa foi o tiroteio da boate *Pulse*, em Orlando. Por uma das competidoras ser nativa da cidade, Trinity Taylor, foi questionada se conhecia alguém que perdeu a vida no tiroteio. Foi revelado que ela havia performado na semana anterior na boate e ficou se remoendo pensando que ela poderia ser uma das vítimas do massacre apenas por estar lá trabalhando. Por outro lado, Cynthia Lee Fontaine, revelou que estava escalada para performar justamente na noite do acontecimento mas, de última hora, teve de remarcar. Durante seu relato, revelou também que perdeu um amigo que foi para a boate no dia apenas para vê-la e quando se deu conta que a amiga não ia performar, ficou na boate para curtir e acabou sendo uma das vítimas da tragédia. A edição do programa mostrou uma foto e o nome do homem que perdeu a vida, como uma forma de homenagem à um membro da comunidade que perdeu sua vida em um ato de extrema violência e homofobia.

A edição do programa faz questão de ligar acontecimentos como esse à arte drag. As queens enquanto conversam, mencionam a importância delas como artistas se posicionarem diante de acontecimentos como esse e que, também, serem essas *performers* funciona, também, como uma forma de terapia para superar tragédias como essa. A existência dos corpos LGBTQ já é um incômodo, uma perturbação (LOPES, 2004) àquilo estabelecido pela sociedade normativa heterossexual e, em

casos do mais extremos da tentativa de reprimir essas expressões, casos trágicos como esse acontecem.

6.4. Episódio 4 - Bom dia, Bichas

Alguns desafios também são feitos para reconhecimento do público em geral, mas inseridos nos moldes de exagero típicos de drag queens. Um dos desafios foi o deste episódio, que simula um *morning show*, noticiários veiculados no período da manhã que possuem um tom mais leve ao falar das notícias. O programa roteirizou esses desafios de forma a torná-los cômicos e engraçados.

Nesse desafio, novamente os produtos de RuPaul foram incluídos na narrativa do episódio, além de terem trazido uma atriz, Naya Rivera, conhecida por seu papel em *Glee*, uma série que possuía um discurso bastante progressivo com os LGBTQ e com outras pautas sensíveis como raça e amor próprio.

Figura 12 - Barra de chocolate da marca de RuPaul sendo apresentada durante um desafio



Fonte: Episódio "Bom dia, Bichas" do reality show "RuPaul's Drag Race" (NETFLIX, 2017)

Em algumas das falas das competidoras, muitos momentos difíceis da história LGBTQ são trazidos à tona. Durante o relato de Charlie Hides, tivemos uma visão particular de como foi a crise da AIDS nos anos 1980 e 1990. Em sua história ela relata que foi ao enterro de quase todos os seus amigos pois na época o vírus não era conhecido então não existia a consciência coletiva de prevenção à propagação.

O diagnóstico do vírus é tratado como uma pena de morte, já que na época não existiam tratamentos àquele infectados e os setores mais conservadores da sociedade, que não possuíam interesse em achar uma cura pela prática homossexual ser considerada uma decadência da moralidade (TREVISAN, 2000) agravavam o problema por justificarem a doença como uma forma de punição.

Figura 13 - Charlie Hides contando sobre suas vivências da época da crise do vírus da AIDS



Fonte: Episódio “Bom dia, Bichas” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

6.5 Episódio 5 - Kardashian: O musical

Outro desafio emblemático foi um musical inspirado na família influencer americana: as Kardashians. As integrantes dessa família possuem milhões de seguidores em redes sociais e grandes empresas multimilionárias, ou seja, são um grande fenômeno que tem grande adesão de diversos públicos diferentes. O episódio rendeu uma gravação feita por uma das membras da família, a matriarca Kris Jenner. Ela elogiou a performance de Alexis Michelle, que a interpretou, e demonstrou seu apreço pelo programa.

Figura 14 - Alexis Michelle interpretando Kris Jenner



Fonte: Episódio “Kardashian: o Musical” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

Ao atingir uma personalidade da mídia da magnitude de Kris, o programa alavanca cada vez mais sua visibilidade e eleva seus discursos para cada vez mais pessoas. Essa aproximação com o mundo das celebridades é uma forma de atingir públicos mais abrangentes, associando à imagem deles à do programa.

Para além dos relatos de vivências relacionadas ao ser LGBTQ no mundo, as drags também falam de outros problemas pessoais que acabam sendo agravados, querendo ou não, por padrões sociais, presentes também entre a comunidade. Valentina se abriu com o grupo sobre ter transtorno alimentares e admitiu que transtornos assim são muito presentes na comunidade gay. Shea Coullée concordou com a afirmação e relacionou com o padrão restrito de beleza sobre os corpos, especialmente da comunidade gay, no contexto do programa. Esse discurso entra em consonância com vários outros discutidos no programa em relação à diversidade entre corpos, raça e gênero e promove uma reinterpretação a partir de novas realidades (SÊGA, 2000) daquilo que já foi construído sobre as pessoas do meio LGBTQ.

Figura 15 - Valentina falando sobre seus distúrbios alimentares



Fonte: Episódio “Kardashian: o Musical” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*”
(NETFLIX, 2017)

6.6. Episódio 6 - Racha ou Repassa

Novamente as celebridades são trazidas ao centro de mais um desafio, e o mais emblemático e esperado pela audiência: o Snatch Game. O jogo consiste em perguntas e respostas em que as competidoras tem de respondê-las de forma cômica e que lembrem a personalidade das celebridades imitadas. Em outras temporadas já houveram casos em que as celebridades imitadas entraram em contato com as competidoras para parabenizá-las pela performance ou até para convidá-las a participar de projetos.

Figura 16 - Alexis Michelle Interpretando Liza Menelli no Snatch Game



Fonte: Episódio “Racha ou Repassa” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*”
(NETFLIX, 2017)

Mesmo que brevemente, a discussão sobre a exclusão dentro da própria comunidade é trazida ao reality. Em numa conversa de RuPaul e Nina Bonina Brown, as duas se abrem sobre se sentirem excluídas da cena, algo que resultou nos problemas de confiança que Nina vai apresentando ao longo da temporada. Essa conversa serviu para mostrar que a exclusão dentro da própria comunidade acontece, principalmente pela estética de Nina, que possui um visual mais lúdico e bizarro, ao contrário das drags mais femininas.

Outro discurso que tenta levar em conta a construção de um imaginário sobre o que é ser drag e o que é gênero ganha pontos mais profundos durante uma conversa entre as competidoras em que alguns fatores são interessantes em serem abordados. Trinity levanta o ponto da dissociação entre a personagem Trinity Taylor e Ryan (seu nome de batismo). A discussão fica mais profunda quando as queens levantam a necessidade social de rotular as expressões de gênero, em que essas expressões possuem um caráter fluído em que algum momento se misturam, o que dá a entender que gênero, assim como diz Butler (2003), é uma concepção cultural e não biológica. O rumo da conversa abriu espaço para Peppermint se assumir em rede nacional que, a partir das suas experiências sendo uma drag queen, foi capaz de descobrir sua transexualidade e conciliar as duas coisas. Ela levantou o fato de muitas pessoas pertencentes à comunidade trans acreditarem que não há espaço para drag queens e que também há aqueles que acreditam que ser trans não permite exercer a arte drag.

Essa conversa é bastante informativa em diversos sentidos. A desconstrução do estigma de que pessoas trans não podem se montar com drag é algo que a comunidade LGBTQ ainda está aceitando e tendo esse discurso defendido e apresentado por uma mulher trans contribui positivamente para esse processo. Por outro lado ainda há também aqueles que não sabem o que significa ser uma pessoa trans e confunde com o caráter artístico de drag. São dois universos que são comumente confundidos e essa explicação contribui para o debate.

Figura 17 - O sorriso de Peppermint ao se sentir aceita por suas colegas após ter se assumido como uma mulher trans em rede nacional



Fonte: Episódio “Racha ou Repassa” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*”
(NETFLIX, 2017)

6.7. Episódio 7 - Barrados no Baile das Vadias

No episódio 7, o desafio foi baseado na série de sucessos dos anos 1990, 9210. A série de temática adolescente se passava em uma escola de ensino médio e o desafio foi uma regravação cômica feitas pelas *drags*. Para dirigir essa regravação, duas atrizes da versão original, Tori Spelling e Jennie Garth, foram chamadas além, também, de fazerem parte do painel de jurados convidados.

Figura 18 - Atrizes Tori Spelling e Jennie Garth dirigindo a produção do desafio.



Fonte: Episódio “Barrados no Baile das Vadias” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

O desafio principal foi uma refilmagem do filme e as descrições das personagens a serem encenadas eram bastante estereotipadas. Havia o papel da última virgem da escola, a mãe com complexo de juventude e as garotas más.

A relação familiar é um tópico recorrente nas conversas entre elas. O tema do desafio que gira em torno dos tempos de ensino médio abriu o tópico de conversa de como foram as experiências das *queens* durante esse mesmo período de suas vidas. Alexis revelou ter ido ao seu baile de formatura montada de drag queen, junto com uma amiga e relatou ter sido uma experiência ótima, não havendo, aparentemente, problemas de discriminação. Já Trinity se abriu sobre ter abandonado a escola no seu período de ensino médio para cuidar de sua avó que ficou doente de câncer. Em sua narrativa, ela conta que tinha um bom relacionamento com sua avó mas que ela não o aceitava por conta de sua sexualidade. A edição do programa mostrou, com uma trilha sonora triste ao tocando ao fundo da fala, o tanto que a drag se arrepende de ter brigado com a avó da forma hostil que a tratou e que se pudesse voltar atrás faria tudo diferente.

O tópico sobre relacionamento familiar foi um pouco mais além. Trinity também revelou que sua mãe morreu por complicações dos vírus HIV, comentou sobre o modo de vida mãe que estava “metida com coisas erradas” e que, por isso, foi criada por sua avó. Com o relato da drag, ficou subentendida uma tentativa de humanização da pessoa LGBTQ por passar por dificuldades que qualquer outra pessoa também passa, sendo com a família ou na escola, esses são problemas que podem acontecer com qualquer pessoa e o programa tentar mostrar isso de uma forma humana e verdadeira.

Figura 19 - Foto de Trinity Taylor jovem com sua avó



Fonte: Episódio “Barrados no Baile das Vadias” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

Shea Coullée, nessa mesma conversa, relatou sobre sua relação com o pai que era bastante difícil pelo fato dele não aceitá-la como homem homossexual e também como drag queen. Ao receber uma ligação dele, quando estava em estado terminal de um câncer, o pai deu uma declaração validando o seu trabalho como drag e uma mensagem de amor, a drag disse que foi o maior momento de validação que já recebeu na vida.

Sasha Velour, também nesse tópico, falou sobre seu relacionamento com a mãe. Apesar da mãe não entender seu trabalho como drag a sua estética é uma homenagem a ela quando a mesma não se sentia bonita após perder seu cabelo no tratamento de quimioterapia. A drag revelou que sua mãe é uma grande inspiração e que transformar aquela experiência da mãe em sua arte foi a coisa mais importante que fez.

Figura 20 - Sasha Velour desmontada com sua mãe durante o período de tratamento da quimioterapia



Fonte: Episódio “Barrados no Baile das Vadias” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

6.8. Episódio 8 - Queimando o Filme

Todo o episódio 8 gira em torno da comédia. Já em seu início há o mini desafio já muito conhecido em outras temporadas, o *reading challenge*⁴. Esse desafio consiste em colocar um óculos e “ler” as outras participantes e o termo “ler” é um codinome para insultar de forma cômica. Nesse tipo de desafio todos os insultos são permitidos e o principal objetivo é rir e se aceitar. Mas, durante o desafio, Alexis Michelle recebeu várias “ofensas” ao seu corpo e, na visão das outras competidoras, eram apenas parte da comédia e que não deveria ser levado a sério. Mesmo que essa linguagem seja já parte da cultura do programa, e seja conhecido entre a população LGBTQ, ainda não se sabe se existe um limite para esse tipo de brincadeira. O ponto levantado por Alexis era que esse era um ponto sensível e de insegurança, que ela já havia comentado com as outras garotas, que não deveria ter sido alvo da brincadeira.

Figura 21 - Competidoras durante o *reading challenge*.

⁴ O *reading challenge* é uma referência tirada do documentário ‘Paris Is Burning’. Esse desafio é inspirada na prática dos LGBTQ marginalizados que apontavam defeitos uns aos outros de forma cômica, porém ríspida. Era uma forma de se aceitarem como eram apontando justamente aspectos de sua aparência ou personalidade que eram usados como ofensas.



Fonte: Episódio “Queimando o Filme” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

O desafio principal foi o *RuPaul’s Roast*, que se assemelha muito com o mini desafio do episódio. A principal diferença é que existe um alvo específico em que as competidoras irão “atacar”. Esse desafio é bem emblemático e sua premissa é que nada ali seja levado a sério, ou seja, vale de tudo se for engraçado. Nesse desafio são feitas várias piadas transfóbicas, homofóbicas, gordofóbicas e de extremo cunho machista, mas, sendo engraçado, então está valendo. Para aqueles que não conhecem as premissas do *Roast* pode funcionar como um espaço aberto para o discurso de ódio (o que não é o caso). A primeira aparição do desafio foi na 5ª temporada, quatro anos antes, e não houve uma explicação clara de como são levados esses insultos. Dessa forma, para aqueles que não conhecem como funcionam e quais suas regras, pode acabar virando uma justificativa para discurso de ódio.

Figura 22 - Sasha Velour durante o desafio principal.



Fonte: Episódio “Queimando o Filme” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*”
(NETFLIX, 2017)

Nesta temporada a questão da diferença entre identidade de gênero e a arte drag foi abordada em momentos diferentes e em níveis diferentes. Vários discursos diferentes foram apresentados, principalmente na visão da drag que se reconhece como uma mulher trans. Peppermint viveu no aeroporto de Moscou problemas com a documentação. Ao se apresentar como mulher, ela foi barrada na saída do aeroporto por ter em seus documentos um nome masculino, diferente da forma que ela se apresentava. Uma das drags passou um período vivendo na Rússia e relatou como o sistema é opressor como pessoas LGBTQ. Em todas essas ocasiões o programa sempre tenta trazer a luz e usar a plataforma de visibilidade para dar atenção às questões LGBTQ que acontecem pelo mundo justamente por entender o papel que a mídia exerce sobre a construção de um imaginário social (JODELET, 2001; MOSCOVICI, 1978) sobre o local que, hoje, os LGBTQ ocupam no mundo

6.9. Episódio 9 - Piloto em Chamas

O desafio deste episódio é a criação e gravação de uma ideia de primeiro episódio de uma série, de criação das próprias competidoras. Ao todos foram três times, ou seja, três pilotos diferentes. O primeiro, o tema foram duas prostitutas que, após serem presas, tentam mudar de vida fazendo drag. O outro foi uma dupla de fashionistas que investigam crimes de mal gosto e o último, uma série sobre duas

mulheres da igreja que, após descobrirem que seus filhos são gays, procuram a ajuda de uma freira.

Os dois pilotos que mais se encaixam no objeto desta análise são o primeiro e terceiro. O primeiro faz uso da imagem de prostitutas que foram presas, utilizando de uma imagem marginalizada e vulgar elas tentam mudar a vida virando drag queens para competir em *RuPaul's Drag Race*. Apesar das competidoras já estarem no *reality* é explícito que o programa já virou um grande objetivo de carreiras das drag queens dos Estados Unidos. O programa já possui tanta visibilidade entre os LGBTQ que é referência até dentro do próprio programa.

O segundo faz uso de uma narrativa clichê de mulheres da igreja que descobrem a homossexualidade de familiares. Utilizando um tom cômico as *queens* do grupo fazem seu piloto com várias referências sexuais, como o ato de se ajoelhar e a prática do sexo oral. Tudo isso é feito para se atingir o tom cômico que o desafio pede. Essa relação entre homossexualidade e igreja, que possui um histórico recriminador da homossexualidade (TEIXEIRA, 2011), é interessante de ser vista na forma como o roteiro de um dos pilotos foi construído, já que pegaram histórias geralmente tristes e adaptaram como algo cômico e vulgar.

Figura 23 - Peppermint, Trinity Taylor e Alexis Michelle durante a gravação do piloto.



Fonte: Episódio “Piloto em Chamas” do *reality show* “*RuPaul's Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

Em outro momento, como tema do desfile do episódio, é introduzido um outro tipo de estética drag ao programa, o *club kid*⁵. Essa estética foi um movimento bastante emblemático no meio e acabou tomando proporções grandes na época, chegando ao patamar das artistas aparecerem em grandes veículos da mídia. Dessa mesma forma, o programa tenta educar os telespectadores sobre o histórico do movimento drag como arte e apresentar àqueles que não conhecem um pouco do seu histórico, sendo o *club kid* um desses exemplos.

Figura 24 - Imagens da estética drag das club kids exibidos pelo programa.



Fonte: Episódio “Piloto em Chamas” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

Um momento bastante lembrado até hoje pelos fãs do programa é a eliminação da Valentina, drag considerada uma das favoritas desde o começo do programa. Sua forma de eliminação, por ter praticamente se recusado a fazer o lip sync foi um momento de bastante controvérsia e é lembrado até hoje como um dos momentos mais icônicos do programa, produzindo assim um signo de importância na cultura de massa (SÊGA, 2000) dos LGBTQ, principalmente daqueles que consomem o programa.

Figura 25 - Valentina dublando com uma máscara.

⁵ Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-4851054/Where-New-York-s-Club-Kids-80s-90s-now.html>. Acessado em 19 out. 2019.



Fonte: Episódio "Piloto em Chamas" do *reality show* "RuPaul's Drag Race"
(NETFLIX, 2017)

6.10. Episódio 10 - Montando a Produção

Antes do desafio principal do episódio ser anunciado, uma discussão sobre a saúde mental de Nina Bonina foi colocada em pauta após a eliminação de Valentina. A competidora possui um histórico de auto-depreciação e as outras competidoras tentavam ao máximo ajudá-la a sair dessa forma de sabotagem. Mas como a drag não demonstrou abertura para ser ajudada, às demais participantes resolveram desistir com a justificativa de ser uma competição e não uma sessão de terapia. Esse acontecimento revela que, mesmo que exista um sentimento de empatia e comunidade, ele não está acima do clima de competição pela coroa e pelo prêmio em dinheiro e que, se ela não está conseguindo acompanhar o clima, então ela deveria ser eliminada.

Figura 26 - Competidoras acordando em não trazer mais a tona o problema de Nina.



Fonte: Episódio “Montando a Produção” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*”
(NETFLIX, 2017)

No episódio do makeover, que consiste no desafio onde as drags são desafiadas a montar outras pessoas e a si mesmas, foram escolhidos para serem montados os próprios integrantes da produção do programa. Não houve menção explícita, no entanto, sobre as respectivas sexualidades de todos os convidados mas ao longo do episódio fica claro que, aqueles que foram mais importantes para a construção da narrativa do episódio, são homens heterossexuais cisgêneros. No desafio, os escolhidos precisam: aprender a andar em saltos altos, serem maquiados, utilizar enchimentos para dar a silhueta de um corpo feminino e coreografar, junto com sua drag competidora, uma dança de apresentação de uma das músicas autorais da RuPaul.

O primeiro passo do desafio foi juntar os pares e as duas responsáveis por fazê-lo foram Sasha Velour e Shea Coullée, vencedoras do desafio do episódio anterior. Interessante pontuar que Shea deixa claro que disposição dos pares foi feita sem tentativa de sabotagem, como já visto em outras temporadas. Toda essa situação nos leva a pensar que foi por causa das últimas discussões com Nina por conta de suas “paranóias”, onde ela acusa as outras competidoras de tentar sabotá-la. No que em temporadas passadas, nesse mesmo desafio, foi motivo de discussões, a disposição dos pares foi feita de forma pacífica e amigável com a tentativa de voltar o senso de irmandade que antes era muito presente entre elas.

Figura 27 - Sasha e Shea escolhendo os pares para o desafio.



Fonte: Episódio “Montando a Produção” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

Esse desafio foi importante ao mostrar a desconstrução daquele que é considerado o principal opressor da população LGBTQ. Ao serem perguntados sobre o que eles acham da arte drag, do que as pessoas, principalmente família, vão pensar sobre eles estarem participando desse desafio, as respostas foram sempre positivas e politicamente afirmativas. Além disso, se mostraram extremamente abertos a aprenderem o que fosse preciso para realizar o desafio.

Um fato interessante a ressaltar desse desafio é a inversão de papéis das performances de gênero. Todos aqueles que possuem comportamentos mais masculinos são motivos de piada e de comentário, como se, no universo do programa, o que é o normativo de comportamento fossem os trejeitos mais femininos das *drags*. Quando os membros da produção falaram sobre como estão sendo suas experiências de montagem e o que eles estão sentindo, Brady (que será montado por Alexis Michelle) revela a RuPaul que a medida que vai se montando ele vai se sentindo diferente, sua “diva” interior está se manifestando naturalmente. Esse fenômeno é o mesmo descrito por Santos (2012) em que o autor fala da mutação não apenas estética e visual mas também perpassa pela identidade do indivíduo que faz *drag*.

Durante essa conversa, RuPaul relata, por meio de sua própria experiência em que ele sabia que se sentia poderosa enquanto estava montada mas que demorou

um tempo até entender que poderia aplicar esse mesmo sentimento de poder a outros aspectos e áreas de sua vida pessoal. Isso a ajudou a se sentir mais confiante. Nessa mesma conversa, ainda falam sobre o que Brady achava sobre o que é ser drag e que agora entende que é uma arte muito mais complexa do que ser apenas um homem vestido com roupas femininas. Estar dentro do universo do programa o ajudou a sua percepção do que é se montar. Interessante pensar e ressaltar que essa visão mostrada pela edição do programa veio de um homem cisgênero e heterossexual, mostrando que existe a possibilidade de acontecer a desconstrução.

Nessa mesma linha, RuPaul teve um conversa similar com o Sasha e Duncan (produtor que será montado por Sasha) sobre como a família dele iria reagir ao vê-lo montado. Ele responde, com naturalidade, que não haveria nenhum problema e que até seu filho teria dicas para ele andar melhor de saltos. Essas conversas denotam a visão de que existe uma maneira de criar uma família que não seja fundada em ideologias e crenças ultrapassadas, homofóbicas, machistas ou transfóbicas.

Figura 28 - RuPaul, Brady e ALEXIS conversando sobre os vários aspectos da arte drag.



Fonte: Episódio “Montando a Produção” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

6.11. Episódio 11 - O baile mais gay do mundo

Já o episódio 11, é repleto de signos que remetem à cultura de massa e a cultura LGBTQ. Um exemplo, é o desafio do episódio 11, onde pegam vários símbolos

bem conhecidos da comunidade LGBTQ, a bandeira do arco-íris e o grupo Village People, que tornou-se um ícone LGBTQ, e transformam em um desafio de criação e costura. Dessa forma estão criando uma identificação com os próprios membros da comunidade.

Figura 29 - Foto dos grupo Village People mostrada pelo programa.



Fonte: Episódio “O baile mais gay do mundo” do *reality show* “*RuPaul’s Drag Race*” (NETFLIX, 2017)

Esse desafio é uma releitura da cultura dos *balls* que aconteciam nas periferias dos grandes centros onde os LGBTQ eram marginalizados. Cada participante tinha que criar 3 roupas diferentes, uma para cada categoria. A primeira categoria era para criar um vestido inspirado na bandeira do arco-íris, a segunda a criação de um com inspirado em um unicórnio e, por fim, cada competidora que restou ficou com um personagem da banda Village People: um motoqueiro, policial, construtor, cowboy e índio. A banda possui uma presença muito forte no imaginário LGBTQ por suas performances e estética baseada na irônia no comportamento másculo e, por isso, foi associada aos LGBTQs. A série utiliza muito bem dessa referência já despertando a curiosidade, naqueles que reconhecem as referências, de como as competidoras irão representar esse icônico grupo.

6.12 Episódio 12 - Category Is

O Episódio gira em torno da gravação da apresentação de um *remix* da música *Category Is*, de RuPaul, em que as queens gravam um verso próprio de rap que será dublado na apresentação final.

O ponto mais importante para nossa análise é a gravação do *podcast What's The Tea*, podcast periódico ministrado pela própria RuPaul e por Michelle Visage, *co-host* do programa. Nesse podcast a proposta são conversas mais íntimas entre as competidoras e as anfitriãs do programa. Peppermint conversou sobre a dificuldade que foi para ela conciliar os aspectos da sua vida: seu trabalho, ser drag, e sua vida pessoal no que toca a sua identidade como mulher trans. Em sua vivência como parte da comunidade trans, sempre ouviu que mulheres transgêneros não tem espaço e não podem fazer drag, e assim como na terceira onda do movimento LGBTQ (FACCHINI, 2011), sentiu a necessidade de se determinar como um sujeito político da sua identidade em que está não é um fator determinante para se fazer ou não *drag*. A primeira afirmação de RuPaul faz ao ouvir isso é negar a veracidade desse conceito. Drag é uma arte para todos e qualquer um pode fazer parte.

Um fator interessante para ressaltar é o fato de RuPaul já ter sido acusada de transfobia por causa de alguns aspectos do programa em temporadas passadas. Um exemplo que ocorreu da 1ª à 6ª, foi a mensagem da chamada que aparecia na televisão da *weerkroom* antes dos desafios iniciarem. A chamada fazia ao termo *shemale*, palavra considerada de cunho transfóbico por seu significado ser algo como “junção de homem e mulher”. Esse termo é considerado transfóbico justamente por considerar que mulheres da comunidade trans não são mulheres e sim uma mistura, o que nega a identidade feminina assumida por elas.

Figura 30 - Mensagem que aparecia na chamada para as participantes até a 6ª temporada.



Fonte: Dentro do Meio⁶

6.13 Episódio 13 e 14 - O reencontro / Grande Final

O episódio 13 foi todo centrado na resolução e espetacularização de todos os conflitos surgidos entre as competidoras durante a temporada. Esse episódio foi como uma roda de conversa, onde todas falam suas opiniões sobre acontecimentos da temporada e pelo enredo do episódio, não é interessante para nossa análise.

O único tópico que nos interessa é o anúncio da mudança da forma de coroação, que acontece no episódio 14. RuPaul anuncia que o formato de coroação será feito a partir de 3 batalhas de lip sync entre as 4 finalistas. Essa mudança se faz importante se levarmos em conta que essa foi a primeira temporada exibida pelo canal VH1, antes veiculada pela LogoTV!. O canal possui um alcance de audiência maior e portanto se preocupa mais com o engajamento do público, e, no intuito de aumentar o mistério de quem irá ganhar a temporada, essa mudança foi implementada. Agora, ainda nas temporadas mais recentes, os telespectadores precisam acompanhar todos os blocos atentamente para descobrir quem ganhou a temporada.

⁶ "4 vezes que RuPaul foi transfóbica - Dentro do Meio." 6 mar.. 2018, <http://dentrodomeio.com.br/2018/03/06/rupaul-transfobica/>. Acessado em 07 nov.. 2019.

Figura 31 - Momento do sorteio dos lip syncs



Fonte: Episódio "Grande Final" do *reality show* "RuPaul's Drag Race" (NETFLIX, 2017)

7. CONCLUSÃO

A construção da imagem de RuPaul é feita todos os episódios de forma explícita. Desde as construções dos desafios principais, às trilhas sonoras, hashtags e até produtos utilizados em mini desafios, fazem menção à sua imagem, carreira ou aos seus produtos à venda, como é visto na figura 4 e 5. A menção à estátua de RuPaul foi feita novamente, dessa vez pela própria apresentadora e, no mesmo episódio, uma das participantes se sentindo despreparada para o desafio, diz que irá rezar para a figura da estátua.

Apesar disso, o discurso da existência de todos os tipos de beleza é também bastante recorrente nos episódios. A comunidade LGBTQ é reconhecida por ter bastante diversidade de cor, raça, corpos e de gênero e isso nem sempre reflete as competidoras escolhidas, como é o caso dessa temporada.

Um fator a ser destacado é a seleção das drags escolhidas para participar da temporada. O cast da temporada apresenta uma certa diversidade, no que se diz à diversidade étnica. Entre as 13 competidoras escolhidas há artistas de descendência latina, negras, mas, mesmo assim, a superioridade em número é a de personagens brancas, sete ao total (mais que a metade). Das outras participantes, há três negras, duas de descendência latina e uma que se identifica como “*person of color*” - nomenclatura bastante utilizada nos Estados Unidos para se referir a pessoas “não-brancas”. Vale ressaltar, também, que delas apenas três podem ser consideradas *big girls*, as drags gordas. Percebe-se no processo de escolha das participantes pela produção a tentativa de trazer a diversidade presente no mundo LGBTQ no universo do reality mas, da mesma forma, o número de drags caucasianas é especialmente maior se comparada com as outras etnias. Tudo isso reflete um embranquecimento que o programa vem sofrendo ao longo dos anos.

Um dos principais objetivos do show é trazer ao *mainstream* a cultura LGBTQ e, conseqüentemente, a cultura drag. Nesse universo, há a existência de diversas nomenclaturas específicas como *shade* (frase de duplo sentido para atacar alguma outra queen), *pageant queen* (drags participantes de concursos de beleza), *comedy queen* (drags com especialidade em comédia) e *tea* (fofoca) que muitos fora desse contexto não entenderiam. Dessa forma, o programa possui uma boa fórmula de

inserir termos específicos da comunidade, gerando um reconhecimento com o conteúdo, e apresentar essa cultura àqueles que não a conhecem.

Um aspecto interessante são os próprios desafios propostos pelo *reality show*. Muitos refletem à celebridades famosas e de grande impacto entre os LGBTQ, como o desfile baseado em Lady Gaga, ou Madonna, um *ball*⁷ sobre símbolos e ícones da história LGBTQ. Durante o desafio principal do primeiro episódio, há a menção de uma queen, ao falar sobre sua cidade natal Nova York, sobre a revolta de Stonewall e a cidade com um palco na luta por direitos iguais.

O senso de comunidade também é bem retratado no programa, quando não está associado diretamente ao contexto da competição. Quando há relatos e rodas de conversas, espontâneas, a edição do programa faz questão de mostrar o sentimento de irmandade que a comunidade possui, reiterando que pessoas LGBTQ tem que se apoiar pois possuem experiências similares e estão todas juntas.

As vivências pessoais das participantes são bastante exploradas pela edição do programa. Em todos os episódios, com exceção dos dois últimos, que são a reunião e batalha final, são mostrados momentos de vulnerabilidade das drags em seus relatos sobre homofobia, transfobia, infância entre.

O toque cômico presente no programa é inegável. Por ser naturalmente um programa de entretenimento, as falas, os roteiros de desafios, os trocadilhos todos vão para o lado mais cômico possível, um dos pilares que o programa vende como sendo a arte drag: divertimento, entretenimento e arte, todos combinados. O ponto principal do programa e dos desafios é fazer as pessoas rirem, e esse discurso é bastante defendido pela própria RuPaul.

O caráter subversivo e ilusório da arte drag tem sua constante reafirmação durante o reality, principalmente nas conceituações que as próprias drags dão ao que é ser uma drag queen e no que consiste a arte drag.

O programa, ao mesmo tempo que propõe grande preocupação com a desconstrução de conceitos históricos de gênero, na sua parte artística, acaba reforçando-os. A preocupação com a ilusão feminina, seja na silhueta feminina ou na

⁷ "'Ball Culture': a batalha de vogueing da cena underground LGBT." <https://gay.blog.br/gay/ball-culture-vogueing/>. Acessado em 01 nov. 2019.

maquiagem é constante, sendo um dos principais aspectos de cobranças durante os julgamentos dos desafios.

A capacidade do programa em utilizar de signos já existentes e produzir novos momentos marcantes na comunidade LGBTQ e utilizá-los em uma forma moderna e adaptada é um dos motivos do programa ter chegado onde chegou. Os desafios vão criando momentos icônicos que são lembrados por diversos fãs com o passar das temporadas. Performances de imitação no snatch game, batalhas de lip sync e os reading challenges (desafios onde a drags atacam uma às outras com insultos em tom cômico) vão se estabelecendo e sendo reproduzidos no mundo da internet, perpetuando ainda mais a presença do programa no imaginário da mídia.

Ainda que seja um programa que carrega um peso de lutas políticas, ainda é um produto da mídia que, sua principal finalidade, é o lucro. A fórmula de competição é constantemente reafirmada, já que é a principal estratégia para prender a audiência. Mesmo que o programa tenha pautas importantes a abordar, elas serão inseridas em contextos competitivos que fomentem o giro da narrativa do reality, o que não é necessariamente uma coisa ruim.

É reiterado durante todo o programa que a arte drag é um meio para subjugar, brincar e mudar as regras de gênero que são ensinadas e impostas durante toda a vida de um LGBTQ e muitas vezes a edição do programa coloca isso em evidência nos depoimentos dados nas entrevistas individuais.

8 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

Colling, Leandro. "Stonewall 40+ o que no Brasil?." (2011).

CABETTE, André. A trajetória e as conquistas do movimento LGBT brasileiro. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>> Acesso em 03 de novembro de 2018.

CAMPANA, Nathalia Sato. O ato político por trás da drag queen: desmontando o essencialismo dos gêneros. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Acesso em: 2018-11-29.

COLLIN, Leandro. Personagens LGBT nas telenovelas da rede Globo: Criminosos, Afetados e Heterossexualizados. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/Artigos/Personagens%20homossexuais%20nas%20telenovelas.pdf>> Acesso em 16 de novembro de 2018

DARTE, V. W. S. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/3109/4870>> Acesso em 25 de outubro de 2018

DIAS, Maria Berenice. UNIÃO HOMOAFETIVA: O PRECONCEITO & A JUSTIÇA. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 4.ed., 2009.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx>

Foucault, M. (1988). História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (2004a). Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. Verve, 5, 240-259.

FELDMAN, Ilana. Reality show: um paradoxo nietzschiano. C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, [S.l.], n. 16, jan. 2011. ISSN 1519-0617. Disponível em: <<http://www.periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36717/21294>>. Acesso em: 24 de out. 2019.

GENRO, Luiz. Homossexualidade na TV brasileira: liberação ou reprodução de preconceitos?. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/noticia/homossexualidade-na-tv-brasileira-liberacao-ou-reproducao-de-preconceitos>> Acesso em 15 de novembro de 2018.

GAMSON, Joshua. Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Un extraño dilema. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2002

GUTTELING, J. Media coverage 1973-1996: trends and dynamics. In: BAUER, M.; GASKEL, G. (Ed.). Biotechnology: the making of a global controversy. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Gay & Lesbian Alliance Against Defamation. Glaad Media Institute. *Where Are We On TV*. Disponível em: <https://www.glaad.org/whereweareontv19>. Acesso em 15 de out. de 2019.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JAGOSE, Annamarie. *Queer theory: An introduction*. NYU Press, 1996.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais*. p. 17-44. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2001

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, G. L.. Teoria queer-uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 541-543, 2001.

LOPES, Deborah. 'Lampião da Esquina': um documentário sobre o jornal homossexual mais transante do Brasil. *Vice*, 2016. Disponível em:

https://www.vice.com/pt_br/article/mgq45p/lampiao-da-esquina-estreia-documentario-filme. Acesso em: 15 de set. 2019.

Molina, L. P. P. (2011). A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Antíteses*, 4(8), 931-944.

Moscovici, S. A representação social da psicanálise (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

MAUSS, M. (2003) "As técnicas corporais". *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

MENDES, Giselle. Representação de LGBTs na mídia: entre o silêncio e o estereótipo. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/representacao-de-lgbts-na-midia-entre-o-silencio-e-o-estereotipo>> Acesso em: 23 de setembro de 2018

MCLUHAN, Marshall, O meio é a Mensagem. In: Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem, São Paulo: Cultrix, 1969.

MEDEIROS, K. SILVA, L. AGUARI, M. A evolução dos direitos LGBTQ+ no mundo e a urgente criminalização da homofobia no Brasil. *Diálogos do Sul*, 2019. <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/55437/a-evolucao-dos-direitos-lgbtq-no-mundo-e-a-urgente-criminalizacao-da-homofobia-no-brasil>. Acesso em 19 de set. 2019.

"Queer Eye', 'RuPaul's Drag Race' e 'Leaving Neverland Ganham Prêmio do Creative Arts Emmy". G1. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/09/15/queer-eye-rupauls-drag-race-e-leaving-neverland-ganham-premios-no-creative-arts-emmy.ghtml>. Acesso em 22 out. 2019.

SANTOS, J. F. ; Meu nome é "Híbrida": Corpo, gênero e sexualidade na experiência drag queen. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*. ano 4, nº9, ago-nov de 2012.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Anos 90*, v. 8, n. 13, 2000.

TREVISAN, J. S. Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

Teixeira, F. S. (2011). Homofobia e sua relação com as práticas "psi". *Psicologia e diversidade sexual*11, 41-57.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. Manual da Homoafetividade. Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivo. São Paulo: Método, 2008.

Weeks, J. (2017). *Sex, politics and society: The regulation of sexuality since 1800*. Routledge.